

Universidade de Évora

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado por **Francisco José Duarte Bulhões**, no Agrupamento de Escolas nº4 de Évora – EB 2,3 Conde de Vilalva e Escola Secundária André de Gouveia, para a especialidade do grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientadora: Professora Doutora Clarinda de Jesus Banha Pomar.

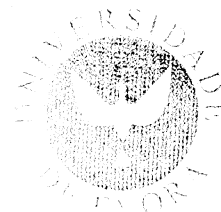
Évora, 2010

Universidade de Évora

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado por **Francisco José Duarte Bulhões**, no Agrupamento de Escolas nº4 de Évora – EB 2,3 Conde de Vilalva e Escola Secundária André de Gouveia, para a especialidade do grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Professora Doutora Clarinda de Jesus Banha Pomar.



185 292

Évora, 2010

Índice

	Páginas
Índice	3
Índice de Quadros	5
Índice de Figuras	6
Lista de Abreviaturas	7
Abstract	8
Resumo	9
1. Introdução	10
2. (A) Preparação Científica, Pedagógica e Didáctica	12
2.1 Conhecimento do Currículo	13
2.2 Conhecimento do Conteúdo	16
2.3 Conhecimento dos Alunos	19
3. (B) Planificação e Condução de Aulas e Avaliação das Aprendizagens	21
3.1 A Planificação	21
3.2 A Condução	27
3.3 A Avaliação de Aprendizagens	31
4. (C) Análise da Prática de Ensino	36
5. (D) Participação na Escola e Relação com a Comunidade	41
6. (E) Desenvolvimento Profissional	51
7. Bibliografia	57

8. Anexos	58
8.1 Anexo 1, Plano de Aula	59
8.2 Anexo 2, Ficha Registo de Avaliação Formativa	63

Índice de Quadros

	Páginas
Quadro 1 – Resumo Avaliação Inicial, 8º ano	24
Quadro 2 – Resumo Avaliação Inicial, 12º ano	24
Quadro 3 – Matérias Prioritárias e não Prioritárias	25

Índice de Figuras

	Páginas
Figura 1 – Modelo de Planeamento, 8º ano	23
Figura 2 – Modelo de Planeamento, 12º ano	23
Figura 3 – Dimensões de Intervenção Pedagógica	27
Figura 4 – Principais Características para Clima de Aula Positivo	39
Figura 5 – Intenções de Prática de AF após término do 12º ano	53
Figura 6 – Nota Final 2º Período vs Prática de AF fora da escola	53
Figura 7 – Importância EF na sua formação global vs Nota final 2º período	54
Figura 8 – Educação Física serve para distrair, divertir e recrear	55

Lista de Abreviaturas

- % - Percentagem.
- AF – Actividade Física.
- DEB – Departamento de Ensino Básico.
- CEB – Ciclo de Ensino Básico.
- EF – Educação Física.
- PES – Prática de Ensino Supervisionada.
- P.N.E.F. – Programa Nacional de Educação Física.

ABSTRACT:

This document comes as a complement to my Supervised Teaching Practice, held in the 2009/2010 academic year, aiming primarily to reflection and documentation of the work developed throughout this year.

My Supervised Teaching Practice was focused on the discipline of Physical Education, and held at EB 2,3 Conde de Vilalva where I taught a class in 8th grade, and in high school André de Gouveia, where I taught the discipline to a class in 12th grade. During that same academic year, I taught between 8 and 10 interventions with a class of 1st cycle of education, 1st grade, and with a class of 2nd cycle of education, a 5th grade.

KEY-WORDS: *Supervised Teaching Practice; Physical Education.*

RESUMO:

O presente relatório surge como um complemento à minha Prática de Ensino Supervisionada, realizada no ano lectivo de 2009/2010, visando essencialmente a reflexão e documentação do trabalho por mim desenvolvido ao longo deste ano.

A minha Prática de Ensino Supervisionada debruçou-se sobre a disciplina de Educação Física, e decorreu na Escola EB 2,3 Conde de Vilalva, onde leccionei a disciplina a uma turma de 8º ano, e na Escola Secundária André de Gouveia, tendo leccionado a disciplina a um 12º ano. Durante este mesmo ano lectivo, leccionei ainda entre 8 intervenções a uma turma do 1º Ciclo de Ensino Básico, 1º ano; e 9 intervenções a uma turma do 2º Ciclo de Ensino Básico, o 5º ano.

PALAVRAS-CHAVE: *Prática de Ensino Supervisionada; Educação Física; Ensino Básico; Ensino Secundário.*

Introdução

O presente relatório surge como um complemento à minha Prática de Ensino Supervisionada (*PES*), realizada no ano lectivo de 2009/2010, funcionando este como um documento que visa deslindar e reflectir sobre todo o trabalho por mim desenvolvido.

A *PES* é uma unidade curricular do curso de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade de Évora, que habilita profissionalmente o aluno para o desempenho de todas as actividades inerentes à actividade profissional de um professor desde o 1º Ciclo do Ensino Básico ao Ensino Secundário. Deste modo, foi necessário que leccionasse a disciplina de Educação Física durante a minha prática em todos estes ciclos de ensino.

Esta unidade curricular, *PES*, funcionou através de diversos núcleo de estágio, sendo cada núcleo composto por três alunos ou professores estagiários, um professor orientador da Universidade e dois professores orientadores cooperantes, sendo um de cada escola. Assim, o meu núcleo de estágio foi formado pela Professora Doutora Clarinda Pomar, no papel de Orientadora da Universidade; pela Dr^a Paula Escada e pelo Dr. Emanuel Silveira, como Orientadores Cooperantes de escola; e pelos Estudantes Dinis Zabumba, Francisco Bulhões e Luís Freire.

O meu primeiro contacto com o papel de Professor Estagiário foi a 12 de Outubro de 2009 onde tive a oportunidade de conhecer, juntamente com os meus colegas, as instalações das escolas e respectivos Professores Orientadores Cooperantes. Foi neste dia também que me foram entregues as duas turmas que acompanhei durante todo o ano lectivo, uma turma de 12º ano na Escola Secundária André de Gouveia e um 8º ano na Escola E.B. 2,3 Conde de Vilalva. Durante o segundo semestre da *PES*, a estas duas turmas foram adicionadas mais 8 a 10 intervenções de 45 minutos a cada ciclo de ensino, aos quais as minhas turmas não abrangiam, tendo leccionado assim 9 intervenções a uma turma de 5º ano da Escola E.B. 2,3 Conde de Vilalva, e 8 intervenções a um 1º ano da Escola E.B. 1/JI do Bacelo.

De acordo com o perfil geral de desempenho profissional dos professores dos ensinos básico e secundário (Decreto-Lei 240/2001, de 30 de

Agosto), o meu relatório irá reflectir essencialmente sobre os pressupostos destas quatro grandes dimensões profissionais: I – Dimensão profissional, social e ética; II – Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; III – Dimensão da participação na escola e relação com a comunidade; IV – Dimensão do desenvolvimento profissional ao longo da vida. A Estrutura do relatório será a seguinte:

(A) – Preparação científica, pedagógica e didáctica onde me debruçarei sobre as questões que envolveram toda a minha preparação para o cumprimento de todas as minhas responsabilidades enquanto profissional e professor de educação física, durante este ano lectivo.

(B) – Planificação e condução de aulas e avaliação de aprendizagens dos alunos, justificando o modelo de planeamento adoptado para as turmas e analisando a forma de conduzir todos os aspectos inerentes ao processo de ensino e aprendizagem.

(C) – Análise da prática de ensino onde será feita uma crítica global e pessoal a toda a minha prática de ensino, sendo efectuadas referências aos pontos mais favoráveis e desfavoráveis da minha prática.

(D) – Participação na escola e relação com a comunidade enaltecendo a forma presente e activa como que me relacionei com o seio escolar, focando as actividades escolares nas quais tive um papel participativo e importante, sublinhando também as actividades das quais surgiram por iniciativa do meu núcleo de estágio.

(E) – Desenvolvimento profissional, onde irei explorar a minha tendência em evoluir e desenvolver as minhas competências enquanto professor de educação física, através da adopção de uma postura receptiva e questionadora acerca da minha actividade profissional.

A – Preparação científica, pedagógica e didáctica

Para que um professor possa desempenhar com eficiência a sua profissão é necessário que este esteja a par de vários pontos fundamentais. O conhecimento do currículo e conhecimento do conteúdo da respectiva disciplina assumem-se como pontos indispensáveis para o professor, bem como o conhecimento dos seus alunos. Só um professor com estas aptidões estará habilitado a proporcionar aos seus alunos um processo de ensino e aprendizagem devidamente sólido.

Assim, este ponto *A – Preparação Científica, Pedagógica e Didáctica* representa, de algum modo, o preparo que efectuei no início da minha actividade profissional na *PES*, de modo a aprontar o meu desempenho enquanto professor de Educação Física.

Procurando atender a estes propósitos distintos, irei decompor este ponto em três momentos diferentes: (1) Conhecimento do Currículo; (2) Conhecimento do Conteúdo; e (3) Conhecimento dos Alunos.

(1) Conhecimento do Currículo

De forma a entender e conhecer os desígnios do currículo desta disciplina, uma análise cuidadosa e devidamente exigente foi efectuada aos *P.N.E.F.* de todos os ciclos de ensino, desde o 1º ciclo de Ensino Básico ao Ensino Secundário. Estes *P.N.E.F.* apresentaram-se, deste modo, como o principal pilar desta minha preparação mostrando-me o rumo a tomar durante todo este ano lectivo.

Tal como é referido no *P.N.E.F.* do 3º CEB (2001:5): “*Os programas constituem, portanto um **guia** para a acção do professor, que, sendo motivado pelo desenvolvimento dos seus alunos, encontra aqui os indicadores para a orientar a sua prática, em coordenação com os professores de Educação Física da escola (e das «escolas em curso») e também com os seus colegas das outras disciplinas*”. Este documento refere ainda que “*estes programas **não substituem** a capacidade de deliberação pedagógica do professor, quer no que respeita à selecção, organização e aplicação dos processos formativos, quer na periodização dos objectivos em cada ano e até na definição dos níveis de exigência na realização desses objectivos; reconhecendo-se assim ao professor a responsabilidade de escolher e aplicar as soluções pedagógicas e metodologicamente mais adequadas*”.

Sabendo que a Educação Física abrange todos os ciclos de ensino, torna-se importante a diferenciação da disciplina prevista nos *P.N.E.F.* para cada ciclo. Desta forma, o programa apresenta uma estrutura coerente, mas diferenciada quanto à organização do curso de Educação Física. Assim, desenha-se um bloco estratégico, do 5.º ao 9.º ano. É neste bloco que se estabelece o tratamento das matérias na sua forma característica, na sequência das actividades e conquistas realizadas no 1.º ciclo. Além disso, é aqui que se garante o tratamento do conjunto de matérias de EF antecipando o modelo flexível, de opções dos alunos ou turmas, preconizado para o ensino secundário (c.f. *P.N.E.F.* 3º CEB, 2001:10).

Tendo passado por todos os ciclos de ensino existentes, tive de ter em conta todos estes aspectos na procura de proporcionar aos meus alunos actividades adequadas e que se enquadrassem com o que estes *P.N.E.F.* instituem.

À semelhança do que os *P.N.E.F.* estabelecem para o 9º ano, o 8º será igualmente dedicado a revisão das matérias, aperfeiçoamento e/ou recuperação dos alunos, tendo por referência a realização equilibrada e completa do conjunto de competências previstas para este 3º ciclo (c.f. *P.N.E.F.* 3º CEB, 2001:10). Estes foram os principais pressupostos tidos em conta no momento de organizar e planear o meu ano lectivo e respectivas aulas da minha turma de 8º ano. Assim, aquilo que foi efectuado teve em atenção o desenvolvimento e revisão das matérias seleccionadas, a partir do nível dos alunos no início do ano. De salientar ainda, a necessidade de rever de uma forma afinçada algumas competências essenciais de anos anteriores, impossibilitando a realização completa deste conjunto de competências previstas para o 3.º ciclo.

No ensino secundário o *P.N.E.F.* do 3º CEB (2001:10) demonstra que *“no 11.º e 12.º admite-se, como regra geral, a **escolha dos alunos/turma** pelas matérias em que **preferirem aperfeiçoar-se**, sem se perder a variedade e a possibilidade de desenvolvimento ou “redescoberta” de outras actividades, dimensões ou áreas da EF. Assim, propõe-se que escolham, em cada ano (11.º e 12.º anos) duas matéria de Desportos Colectivos, outra de Ginástica ou de Atletismo, uma de Dança e duas das restantes”*. Olhando para as principais preferências da turma, e tendo em conta a variedade e possibilidade de desenvolvimento de outras actividades, foi criado um plano de acção baseado nestes pressupostos para a turma de 12º ano, procurando sobretudo desenvolver e aperfeiçoar as matérias predilectas dos alunos, e rever de uma forma ligeira as restantes.

Para o 1º ciclo de Ensino Básico, o programa de Expressão e Educação Físico-Motora é uma referência fundamental para o desenvolvimento global do aluno, na valorização da motricidade com estimulação das capacidades, construção e aperfeiçoamento de aptidões. Este programa apresenta propostas os objectivos que os alunos deverão cumprir no final deste ciclo de escolaridade, cabendo **ao professor escolher** as situações de aprendizagem e aperfeiçoamento que melhor permitam aos seus alunos o alcance destes objectivos propostos (Cruz et al, 1992). Sendo a minha intervenção no 1º ciclo de Ensino Básico demasiado curta, procurei seguir as indicações metodológicas gerais deste programa, compactando as minhas aulas de forma

a abordar os Blocos inerentes ao 1º ano de escolaridade, o bloco de *Deslocamentos e Equilíbrios*, o bloco de *Perícia e Manipulação*, o bloco de *Jogos* e o bloco de *Actividades Rítmicas Expressivas*.

Funcionando com uma turma que possuía um respectivo professor titular, e um trabalho já desenvolvido desde o início do ano, a minha intervenção ao 2º ciclo de Ensino Básico não dependeu apenas das minhas decisões, pois o planeamento de aulas já estava deliberado. Olhando para as matérias que o professor estava a desenvolver na turma de 5º ano, tive de conceber as minhas aulas em consonância com o trabalho que havia sido desenvolvido. Sabendo que este ano de escolaridade engloba situações de aprendizagem e primeiro contacto com as diferentes matérias, cumprindo de certa forma a mesma função que o 1º ciclo, assegurando que estas práticas favoreçam não só o desenvolvimento nos domínios social e moral, mas também preparem os alunos para actividades físicas características de etapas seguintes (c.f. P.N.E.F. 3º CEB, 2001:10); a minha intervenção baseou-se neste tipo de serviço, proporcionando aos alunos tarefas de aprendizagem e de contacto com as modalidades definidas pelo respectivo professor.

No que respeita à avaliação dos alunos, os *P.N.E.F.* são igualmente bastante claros. Assim, os objectivos de cada ciclo de ensino constituem as principais referências no processo de avaliação dos alunos, considerando-se que o reconhecimento do seu sucesso é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências que decorrem destes objectivos gerais. Os critérios de avaliação estabelecidos pela escola, pelo Departamento de Educação Física e pelo próprio professor permitirão determinar, concretamente esse grau de sucesso (c.f. P.N.E.F. 3º CEB, 2001:27).

(2) Conhecimento do Conteúdo

Olhando para as variadas realidades escolares ao longo do nosso país não é com surpresa que nos deparamos nos nossos *P.N.E.F.* com uma parte do programa comum (ou igual) para todas as escolas, e outra parte apresentando alternativas a adoptar localmente, pelo departamento curricular de Educação Física ou pelo professor.

Este desenho dos *P.N.E.F.* assegura a homogeneidade do currículo real, a determinado nível de desenvolvimento, como também determina a atribuição a cada escola dos meios necessários à realização de todas as áreas da Educação Física, através da parte comum do programa; e permite aproveitar características próprias ou condições especiais, existentes em cada escola e também incluir matérias ou partes de matéria (determinados níveis de aperfeiçoamento), de acordo com a optimização dessas características ou com as possibilidades de alunos de aptidões mais elevadas, através da possibilidade de adoptar localmente as matérias alternativas (c.f. *P.N.E.F.* 3º CEB, 2001:10).

Deste modo, encontramos como parte integrante das áreas e matérias nucleares as modalidades comuns a todas as escolas: os *Jogos Desportivos Colectivos*: Futebol, Voleibol, Andebol e Basquetebol; o *Atletismo*; e a *Ginástica*: Solo, Aparelhos e Acrobática. Ao elenco das matérias nucleares, pertencem ainda a *Luta*, a *Patinagem*, a *Orientação*, os *Jogos populares*, os *Jogos de raqueta* e a *Dança*, as quais são praticáveis desde que existam os recursos necessários ao ensino destas matérias. Nas matérias alternativas encontramos os *Jogos Desportivos Colectivos*: Corfebol, Hóquei em Campo, Râguebi, Softebol/Beisebol; a *Ginástica Rítmica*; a *Natação*; as *Danças Sociais* e *Danças Tradicionais Portuguesas*; *Aeróbica*; o *Jogo do Pau Português*; *Canoagem*; *Cicloturismo*; *Golfe*; *Montanhismo*; *Tiro com Arco*; *Prancha à Vela*; *Vela* e *Campismo*. Estas matérias encontram-se devidamente tratadas em níveis que partem de competências simples para gradualmente mais complexas: *Introdutório*, *Elementar* e *Avançado*. (c.f. *P.N.E.F.* 3º CEB, 2001:11).

Possuindo este vasto leque de matérias e de linhas orientadoras foi planeado todo o trabalho do ano lectivo tendo em conta as características

predominantes de cada escola, incluindo o Projecto Educativo de Escola e o Projecto Curricular de EF, e as de cada turma.

A minha actividade na turma de 5º ano, de apenas 9 intervenções, não me possibilitou a escolha de matérias a leccionar, uma vez já estar todo o ano lectivo delineado pelo professor titular da turma. Deste modo, a minha leccionação de aulas debruçou-se em matérias nucleares, que demonstraram ser da preferência do professor titular e dos alunos.

Na turma de 8º ano da Escola E.B. 2,3 Conde de Vilalva, onde tive a possibilidade de assumir a leccionação da totalidade das aulas durante todo o ano lectivo, foi efectuado um planeamento anual que correspondeu ao que os nossos *P.N.E.F.* aconselham, tendo leccionado todas as matérias nucleares que foram exequíveis com os recursos materiais existentes, e ainda a introdução da matéria alternativa *Danças Sociais*. Sendo criadas estas oportunidades para que os alunos desenvolvessem e aperfeiçoassem as competências subjacentes a estas modalidades, é com satisfação que verificamos que no final do ano o programa foi cumprido.

No ensino secundário propõe-se que o professor e alunos da respectiva turma escolham pelo menos, duas matérias de Desportos Colectivos, outra de Ginástica ou de Atletismo, uma de Dança e duas das restantes (c.f. *P.N.E.F.* 3º CEB, 2001:10). Deste modo, verificamos que as matérias leccionadas na minha turma de 12º ano vão de encontro àquilo que os nossos *P.N.E.F.* sugerem, aperfeiçoando as modalidades escolhidas pelos alunos em acordo com o professor, e desenvolvendo outras competências em outras modalidades assegurando assim a variedade de actividades.

No 1º ciclo de Ensino Básico o programa é bem distinto dos restantes, tratando-se de um programa onde fundamentalmente são desenvolvidas as competências básicas das habilidades motoras capitais para a especificidade da maioria das matérias que se seguem. O *Programa de Expressão e Educação Físico-Motora* apresenta-se dividido em 8 blocos diferentes, sendo 1 de carácter opcional:

BLOCO 1 — PERÍCIA E MANIPULAÇÃO

BLOCO 2 — DESLOCAMENTOS E EQUILÍBRIOS

BLOCO 3 — GINÁSTICA

BLOCO 4 — JOGOS

BLOCO 5 — PATINAGEM

BLOCO 6 — ACTIVIDADES RÍTMICAS EXPRESSIVAS (DANÇA)

BLOCO 7 — PERCURSOS NA NATUREZA

BLOCO 8 — NATAÇÃO (PROGRAMA OPCIONAL)

Tendo leccionado a disciplina a uma turma do 1º ano da Escola E.B. 1/JI do Bacelo, o programa prevê para o este ano de escolaridade a abordagem a apenas 4 blocos deste programa, o bloco de *Deslocamentos e Equilíbrios*, o bloco de *Perícia e Manipulação*, o bloco de *Jogos* e o bloco de *Actividades Rítmicas Expressivas*, estando os restantes blocos destinados aos seguintes anos de escolaridade. Assim, a minha breve intervenção nesta turma incidiu sobretudo nestes 4 blocos, procurando desenvolver nos meus alunos as competências inerentes a estes. *“Em Deslocamentos e Equilíbrios e Perícias e Manipulações (1º e 2º anos) encontram-se competências representativas das acções motoras fundamentais, cujo domínio permite à criança desta idade estruturar a sua disponibilidade de adaptação aos principais tipos de actividade física. Esta melhoria das qualidades perceptivomotoras não só culmina uma etapa do desenvolvimento da criança, como constitui a base necessária, no momento oportuno, para aprendizagens mais complexas, indicadas pelos objectivos dos anos seguintes”* (DEB/ME, 1998: 42).

(3) Conhecimento dos Alunos

Para além do conhecimento do currículo e conteúdo da disciplina, é também muito importante conhecer a população a quem nos propomos leccionar. Ter um conhecimento da nossa população alvo ou dos nossos alunos é essencial. Dada esta enorme utilidade o professor deve, logo desde início, proceder a uma breve caracterização da turma onde procurará conhecer o nível global da turma nas várias matérias que irão ser desenvolvidas, identificar os alunos mais problemáticos e/ou com mais dificuldades na disciplina, perceber os principais círculos de amizades entre eles, entre tantas outras informações pertinentes.

Dado o meu início tardio na leccionação de aulas em ambas as turmas, foi-me possível observar várias aulas das mesmas, lideradas pelos respectivos professores titulares. Estas observações funcionaram com um óptimo meio de contacto com ambas, possibilitando conhecer os alunos e entender alguns dos seus comportamentos mais comuns e recorrentes. O facto de ter identificado os “líderes” da turma, os alunos que apresentavam mais dificuldades na disciplina, e de ter conseguido perceber a forma como os alunos lidavam-se entre si de uma forma geral, foi essencial para que organizasse todo o trabalho do ano lectivo de uma forma válida.

Um factor que em muito contribuiu para um conhecimento dos meus alunos superior, foi a caracterização de turma que efectuei a cada uma delas. Mesmo dispondo as respectivas turmas de uma caracterização já realizada pelo devido director de turma, achei pertinente, eu fazer a minha própria caracterização. Deste modo, juntamente com o restante núcleo de estágio criámos uma ficha/questionário para que cada aluno nos deixasse sobre ele, alguma informação significativa, relacionada com os seus dados biográficos e sociais, e a sua relação com a escola e com a disciplina de Educação Física. Reunida a informação de todos os alunos, contida na respectiva ficha, foi efectuado um pequeno trabalho estatístico que nos revelou alguns dados interessantes, que serviram para melhor entender algumas condutas e certos comportamentos de alguns alunos.

Estas caracterizações de turma foram realizadas apenas às duas turmas que acompanhei durante todo o ano lectivo, o 8º ano e o 12º ano. Para as

restantes turmas nas quais tive um contacto bastante menor (um 1º ano e um 5º ano) não procedi a esta caracterização, tendo utilizado a informação já existente na tentativa de me preparar para os meus novos alunos.

Depois de possuir todas estas informações referentes às minhas turmas, e não tendo participado activamente na avaliação inicial das mesmas devido à minha chegada tardia às escolas, decidi elaborar uma análise pormenorizada a estas avaliações, cedidas pelos meus professores orientadores cooperantes, para perceber o nível global dos meus alunos.

“A etapa de avaliação inicial é uma etapa de avaliação diagnóstica e prognóstica que permite identificar o nível inicial da turma e de cada aluno em particular relativamente ao nível em que se encontram no programa de Educação Física, permitindo obter informação acerca de quais os alunos e matérias críticas, orientar a formação de grupos de nível definindo as bases da diferenciação do ensino e decidir, assim, sobre quais os objectivos anuais, quais as prioridades formativas, quais os objectivos prioritários e quais os objectivos secundários” (Rosado, 1998).

De notar que esta análise aos registos de avaliação inicial aconteceram apenas nas turmas que acompanhei durante todo ano lectivo, através da elaboração de um documento que sintetizou todo este estudo. Na turma de 1º ano, onde contei apenas com 8 intervenções de 45 minutos, a minha avaliação inicial foi bastante curta, cingindo-se apenas à primeira aula onde procurei averiguar o nível global dos alunos nos blocos *Deslocamentos e Equilíbrios e Perícias e Manipulações*. Esta avaliação inicial teve um papel preponderante na organização e planeamento da minha intervenção que visou desenvolver as competências dos alunos no curto espaço de tempo que dispus. Para a turma de 5º ano não necessitei de realizar esta avaliação inicial, pois peguei nos dados do respectivo professor acerca do nível dos seus alunos e no trabalho que havia sido desenvolvido pelo mesmo nos tempos próximos.

Posto isto, concluo que a minha preocupação em conhecer a realidade dos meus alunos foi bastante evidente, tendo desde o início do meu contacto com eles, procedido a uma cuidada observação às turmas, à realização de uma resumida caracterização de ambas e à percepção do seu nível global quanto às matérias avaliadas, quer no início do ano, quer às avaliações efectuadas no seu decorrer.

B – Planificação e condução de aulas e avaliação de aprendizagens

A Planificação

De acordo com Bento (1998), a planificação em si é o elo de ligação entre as aspirações, imanentes ao sistema de ensino e aos programas da disciplina, e a sua realização prática. É neste sentido que a planificação do ano lectivo, através do plano anual de turma e dos vários planos de aula, se torna de extrema importância neste processo de ensino e aprendizagem. Como refere ainda Bento (1998), uma melhor qualidade de ensino pressupõe um nível mais elevado do seu planeamento e preparação. Conhecedor e concordante da importância da planificação do meu trabalho, esta foi uma acção da qual não descurei durante toda a minha prática.

O modelo de planeamento que adoptei para ambos os ciclos de ensino foi o planeamento por etapas, acreditando ser o mais benéfico para os meus alunos. Este planeamento por etapas apresenta-se como um modelo actual, que vai de encontro àquilo que é preconizado pelos *P.N.E.F.*, possibilitando aulas mais diversificadas e que se adaptam às necessidades dos alunos, permitindo uma aprendizagem gradual e duradoura. Uma das características que saliento também neste modelo de planeamento é o facto de praticamente todos os temas, sobretudo os temas prioritários, serem abordados ao longo de todo o ano lectivo, evitando assim a utilização de um período restrito do ano para a sua leccionação.

Assim, de acordo com Rosado (s.d.) os principais factores que caracterizam este modelo de planeamento são os seguintes:

- Programação definida após avaliação inicial.
- Aprendizagens no domínio motor (técnicas e táticas) tendencialmente distribuídas.
- Ajusta-se a aprendizagens que necessitem de alguma distribuição temporal, a aquisições fundamentais, a consolidar e a reter de forma relativamente permanente.
- Hierarquização de objectivos e objectivos prioritários bem definidos.

- Orientação para um leque mais restrito de objectivos considerados essenciais.
- Acentua a retenção/fixação de aspectos básicos.
- As aquisições de uma etapa são objecto de atenção nas etapas seguintes (“ciclos” de revisão, de aperfeiçoamento, de consolidação).
- Aulas tendencialmente poli-temáticas (várias matérias na mesma sessão).
- Maior individualização e respeito por ritmos diferenciados de aprendizagem (alguns alunos numa matéria e os restantes noutra).
- Maior inclusividade.
- Maior continuidade na formação.
- Etapas e unidades de ensino de duração variável em função do nível dos alunos e atendendo à hierarquização dos objectivos.

Desta forma, e pegando nas avaliações iniciais executadas pelos meus professores orientadores, planeei o meu ano lectivo com 4 etapas: Avaliação Inicial; Aprendizagem e Desenvolvimento; Desenvolvimento e Aplicação; e Revisão e Consolidação. Estas etapas são a base de todo o modelo, funcionando como períodos sensíveis para o desenvolvimento de determinadas aprendizagens em cada matéria.

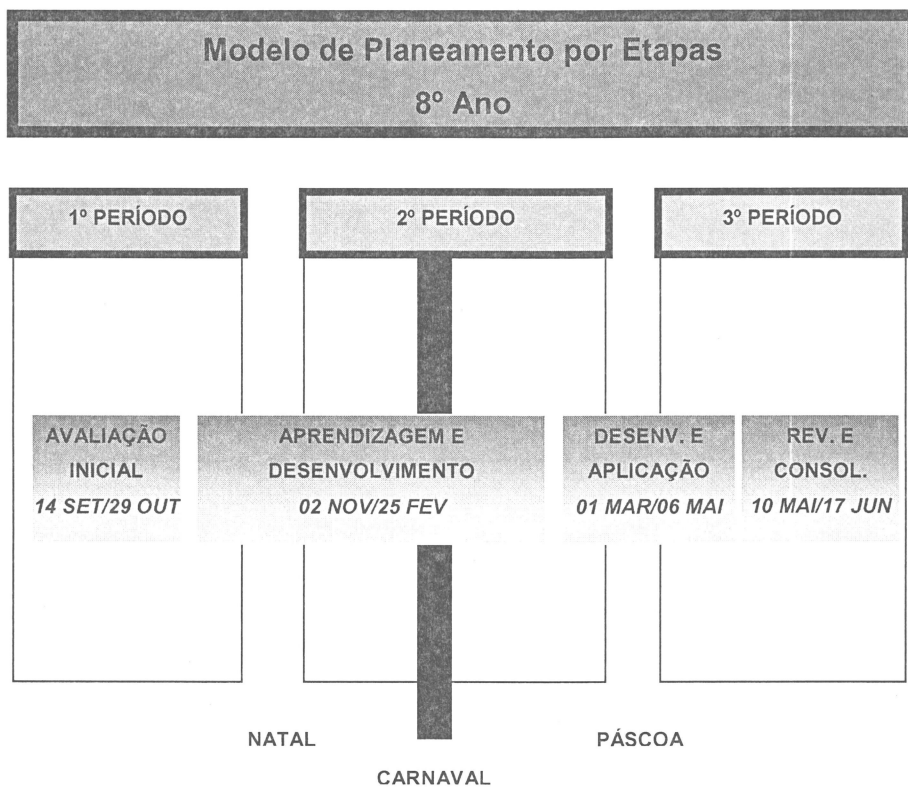


Figura 1: Cronograma do meu Modelo de Planejamento por Etapas, 8º Ano.

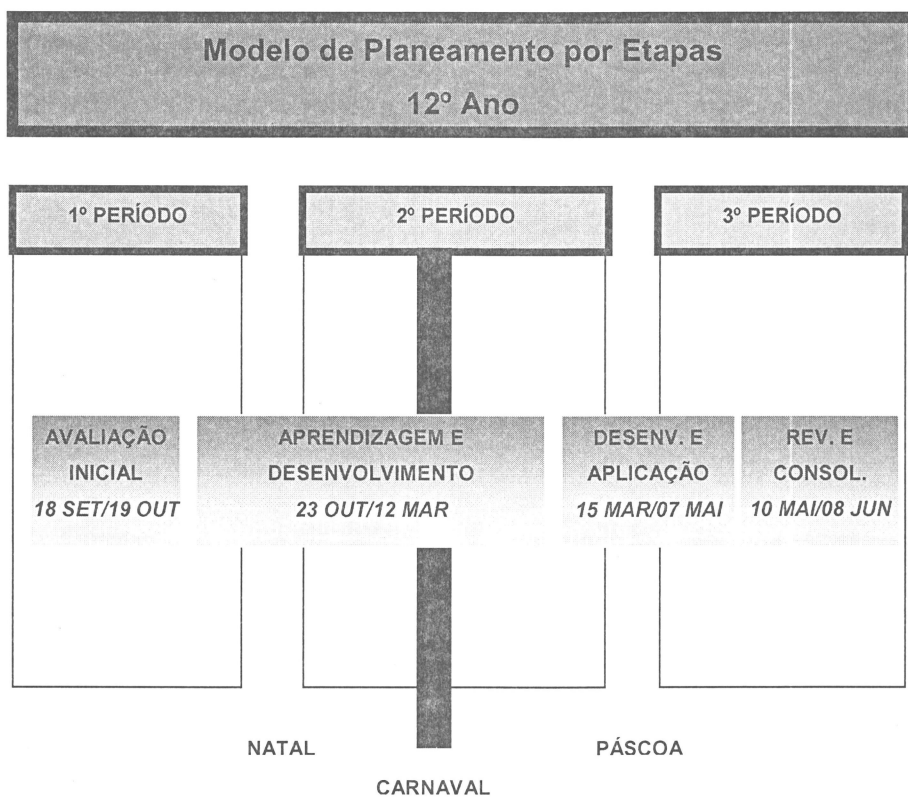


Figura 2: Cronograma do meu Modelo de Planejamento por Etapas, 12º Ano.

Pegando nos *P.N.E.F.* de cada ciclo de ensino, e relacionando-os com a realidade de cada escola (tendo em conta a rotação de espaços, recursos materiais, actividades instituídas nas próprias escolas) desenhei um plano que visou desenvolver as seguintes matérias no 8º ano: Andebol, Ginástica, Voleibol, Basquetebol, Futebol, Atletismo, Badminton e Dança; e as seguintes matérias no 12º ano: Voleibol, Futebol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Râguebi, Andebol, Aeróbica, Orientação, Dança e Ginástica Acrobática. As matérias que considerei prioritárias no meu planeamento foram aquelas onde os alunos mostraram mais dificuldades na avaliação inicial efectuada pelos meus professores orientadores, como demonstram os quadros seguintes:

Quadro 1: Resumo de Avaliação Inicial 8º Ano.

Resumo Avaliação Inicial 8º Ano						
Níveis/Modalidades	Andebol	Atletismo	Basquetebol	Futebol	Voleibol	Ginástica
Não Introdutório	7	0	0	6	7	6
Introdutório	10	13	11	8	9	11
Elementar	0	5	6	3	1	0
Sem Registo	2	1	2	2	2	2

Quadro 2: Resumo de Avaliação Inicial 12º Ano.

Resumo Avaliação Inicial 12º Ano						
Níveis/Modalidades	Atletismo	Ginástica	Voleibol	Futebol	Basquetebol	Andebol
Não Introdutório	2	5	13	13	1	5
Introdutório	19	10	7	7	22	16
Elementar	0	0	2	2	2	2
Sem Registo	4	10	3	3	0	2

Quadro 3: Matérias Prioritárias e Não Prioritárias de ambos os anos de escolaridade.

8º Ano		12º Ano	
Matérias Prioritárias	Matérias Não Prioritárias	Matérias Prioritárias	Matérias Não Prioritárias
Andebol	Basquetebol	Futebol	Basquetebol
Ginástica	Futebol	Atletismo	Râguebi
Voleibol	Atletismo	Voleibol	Andebol
-	Badminton	Badminton	Aeróbica
-	Dança	-	Dança
		-	Orientação
		-	Ginástica
		-	Acrobática

Tratando-se de ciclos de ensino distintos, a planificação e condução de aulas tiveram de ser necessariamente diferentes. A turma de 12º ano, talvez pelo facto de serem alunos mais maduros e maioritariamente do sexo feminino, tornou-se bem mais fácil em gerir, apresentando alunos melhor comportados e mais atentos. Todavia, estes mostravam uma forte falta de empenho nas tarefas da aula. Na turma de 8º ano, deu-se precisamente o contrário, existindo alunos muito empenhados nas tarefas da aula, mas desatentos e com muitos comportamentos desviantes durante a mesma. Estas características de cada turma tiveram uma influência directa na forma como planifiquei e conduzi as minhas aulas, preocupando-me na turma de 12º ano, sobretudo, com aspectos motivacionais, procurando planear tarefas interessantes e desafiadores para os alunos e incentivando-os à prática; enquanto que na turma de 8º ano, tive de planear tendo em conta, particularmente, a organização da aula, salvaguardando assim comportamentos desviantes por parte dos alunos e favorecendo as suas aprendizagens.

Durante as minhas planificações de aula existiram alguns aspectos que mostrei tendência em seguir, procurando proporcionar aos meus alunos

situações de aprendizagem diversificadas, na tentativa de os motivar e possibilitar o desenvolvimento de uma grande variabilidade de padrões motores; e recorrer-me da diferenciação do ensino como trunfo da minha prática pedagógica. Para isto, de uma forma progressiva fui passando de tarefas simples, concedendo-lhes situações privilegiadas de aprendizagem motora, para tarefas sucessivamente mais complexas apelando à espontaneidade e leitura dos problemas por parte dos alunos.

No que toca à diferenciação do ensino, altamente recomendada pelo modelo de planeamento por etapas e pelos *P.N.E.F.*, esta revelou-se com um aspecto capital na minha *PES*. Este ensino diferenciado contempla a indispensável distinção do tempo e das situações de aprendizagem em função das aptidões dos alunos. Este procedimento ficou bastante patente nos meus planos de aula (*ver anexo 1*), incluindo em várias tarefas diversas adaptações consoante a aptidão dos alunos. Mesmo tornando estas aulas com um grau de gestão mais elevado, elas evidenciaram-se muito benéficas para os alunos.

A Condução

De acordo com Bento (1998), a aula é um *trabalho duro* para o professor. Significa 90 minutos de atenção concentrada e de esforço intenso. Solicita o emprego das *forças volitivas* para levar por diante o conceito planeado, mas também *mobilidade*, *flexibilidade* de reacção, *adaptação* rápida a novas situações. A aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da acção do professor, portanto é necessário que a sua condução seja tão eficaz quanto a sua planificação.

Para analisar a minha condução de aula irei usar como base as quatro dimensões de intervenção pedagógica de Siedentop (1998): Dimensão *Instrução*; Dimensão *Gestão*; Dimensão *Clima*; e Dimensão *Disciplina*.

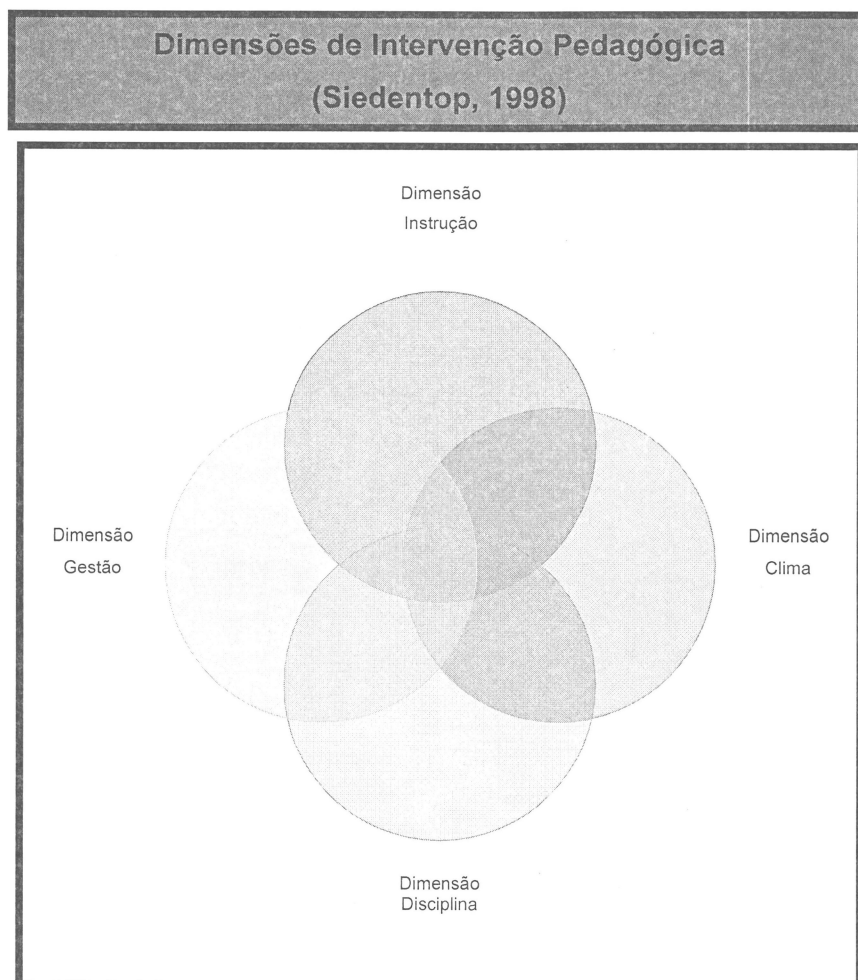


Figura 3: Dimensões de Intervenção Pedagógica (Siedentop, 1998).

A Dimensão *Instrução* consiste essencialmente em todos os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que fazem parte do reportório do professor para informação substantiva, quer se trate de uma prelecção, questionamento, demonstração ou mesmo um *feedback*. Neste sentido, esta é a dimensão que reporta à capacidade do professor de habilitar os seus alunos das competências definidas e pretendidas.

A Dimensão *Gestão* consiste basicamente no uso eficaz do tempo de aula, procurando produzir elevado índices de envolvimento de alunos nas actividades propostas, reduzindo assim os índices de inactividade motora e/ou comportamentos inapropriados. Assim, esta dimensão está intimamente relacionada a aspectos organizacionais e de transições de um exercício para outro.

A Dimensão *Clima* e Dimensão *Disciplina* englobam respectivamente os aspectos de intervenção pedagógica relacionados com interacções pessoais entre professor e alunos, e alunos com alunos; e os aspectos de intervenção pedagógica relacionados com as acções preventivas e punitivas do professor para os comportamentos desapropriados por parte dos alunos.

Para que as aulas fossem de encontro aquilo que estas dimensões preconizam foi importante desde logo, a imposição de algumas regras no funcionamento das mesmas, e algumas rotinas que foram criadas ao longo do ano lectivo. Estas normas e rotinas foram instituídas no sentido de otimizar ao máximo a aprendizagem dos alunos tendo cada norma e rotina uma relação directa com uma ou mais dimensões de intervenção pedagógica de Siedentop (1998).

Com uma estreita ligação relativamente à Dimensão *Instrução*, tínhamos a rotina de aula expor os objectivos e conteúdos no seu início e após o exercício de aquecimento, uma curta instrução do professor acerca das competências que iriam ser desenvolvidas abordando as principais componentes críticas e os critérios de êxito das habilidades ou tarefas motoras que se mostravam relacionadas com os objectivos principais da aula. A regra de aula a esta dimensão associada consistia em permanecer atento e em silêncio durante a prelecção do professor, colocando questões apenas no final da mesma. Estas foram rotinas e regras de aula nas quais insisti bastante,

criando nos alunos o hábito de permanecer atentos e em silêncio nestes momentos específicos, favorecendo assim estes momentos de instrução e tendo repercussões até noutras dimensões de intervenção pedagógica, com a dimensão *Clima* ou *Disciplina*. Habitualmente no final da aula, ainda durante o retorno à calma, aproveitava também para fazer um balanço da aula e dos progressos dos alunos, fazendo também uma curta extensão de conteúdos para a aula seguinte.

Ligadas à Dimensão *Gestão* existiam igualmente regras e rotinas de aula que foram estabelecidas na tentativa de aproveitar ao máximo o tempo lectivo de cada uma. E uma das primeiras regras prende-se com a especificidade da disciplina de Educação Física e com a questão dos balneários. Assim, os alunos teriam até ao som do segundo toque para comparecer no ginásio devidamente equipados, sob a penalização de falta. Esta medida foi uma das mais importantes neste sentido, pois permitiu iniciar todas as aulas em cima do segundo toque não perdendo tempo desnecessariamente. Outra rotina que foi sendo inserida nas aulas foi o facto de levar definidos os grupos de alunos que iriam trabalhar durante as tarefas, otimizando assim algum tempo que seria perdido na organização dos grupos. O apito foi igualmente um instrumento marcante em algumas aulas, tendo conseguido criar nos alunos o hábito de parar a actividade e reunir rapidamente assim que o apito fosse soado. Esta rotina que se instalou nos alunos mostrou-se também muito benéfica na redução de tempo de transição e/ou organização.

Relativamente às Dimensões *Clima* e *Disciplina* as regras anteriormente referidas mostraram-se igualmente relacionadas a estas duas dimensões, não surgindo assim a necessidade de acordar novas normas com os alunos, tendo apenas apelado ao empenho, respeito e bom senso dos alunos para comigo, para com os seus colegas e para com a actividade desenvolvida no momento. Estes apelos e/ou chamadas de atenção foram suficientes para que as aulas girassem em torno de um clima bastante positivo e alegre, privilegiando a boa-disposição e interacção com os alunos, assegurando sempre a sua aprendizagem. A minha preocupação em promover nos alunos comportamentos responsáveis e a cooperação e respeito entre eles, a minha atitude justa e coerente na forma de lidar com os comportamentos de desvio dos mesmos, fez com que o clima da aula raramente fosse abalado e que a

disciplina imposta pelo professor fosse equacionada, criando assim um ambiente saudável nas aulas.

A Avaliação de Aprendizagens

De acordo com os *P.N.E.F.*, os objectivos de cada ciclo constituem as principais referências no processo de avaliação dos alunos, incluindo o tipo de actividade em que devem ser desenvolvidas e demonstradas atitudes, conhecimentos e capacidades, comuns às áreas e subáreas da Educação Física e as que caracterizam cada uma delas. Considera-se então que o reconhecimento do sucesso é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências que decorrem dos objectivos gerais. Serão portanto os critérios de avaliação definidos pela escola, pelo Departamento de Educação Física e pelo próprio professor que permitirão determinar esse grau de sucesso (c.f. *P.N.E.F.* 3º CEB, 2001:27).

Na tentativa de realizar uma avaliação dos meus alunos que fosse de encontro aos critérios de avaliação definidos pelas escolas e departamentos, e simultaneamente bastante coerente e justa, procurei dar uma elevada continuidade às minhas avaliações, privilegiando a avaliação formativa e os progressos dos meus alunos dia após dia. Neste sentido, a avaliação dos alunos teve sempre em conta o grau da sua evolução nas diferentes matérias leccionadas, desde o início do ano lectivo até ao seu final. As avaliações finais de cada matéria, realizadas no final de cada período escolar serviram como um período de avaliação formal para os alunos, mas apenas como um suplemento para o juízo do professor. Estas avaliações tinham como características ser mais rigorosas, averiguando a totalidade das competências trabalhadas na referida matéria.

Para que pudesse proceder a uma eficaz avaliação formativa aos meus alunos, juntamente com os colegas do meu núcleo de estágio, criámos um protocolo de avaliação formativa que nos permitiu avaliar todas as aulas que pretendêssemos *in loco*, registando o comportamento, pontualidade/assiduidade, aproveitamento e empenho de todos os alunos nessa mesma aula. A forma de registo desta avaliação variou de 1 a 5, à excepção da pontualidade/assiduidade, correspondendo cada valor a cada tipo de comportamento.

Pontualidade/Assiduidade

P – o aluno foi pontual.

F – o aluno faltou.

A – o aluno chegou atrasado.

FM – o aluno tem falta de material.

Empenho

- 1- O aluno não revelou mínimo interesse em participar activamente na aula.
- 2- O aluno revelou pouco empenhamento na realização das tarefas da aula.
- 3- O aluno interessou-se o suficiente por realizar as tarefas da aula.
- 4- O aluno empenhou-se de forma a conseguir evoluir na matéria abordada.
- 5- O aluno mostrou-se extremamente empenhado durante todas as tarefas propostas.

Aproveitamento

- 1- O aluno não realizou os gestos técnicos abordados na aula.
- 2- O aluno realizou os gestos técnicos abordados na aula com bastantes incorrecções.
- 3- O aluno realizou os gestos técnicos abordados na aula, respeitando a maioria das suas componentes críticas.
- 4- O aluno realizou os gestos técnicos abordados na aula sem incorrecções.
- 5- O aluno realizou os gestos técnicos abordados na aula sem incorrecções, sem demonstrar dificuldades nas suas execuções, pedindo o avanço para o nível seguinte.

Comportamento

- 1- O aluno esteve constantemente desatento e desrespeita o professor e os colegas.
- 2- O aluno demonstrou-se desatento e apresenta comportamentos desviantes.
- 3- O aluno cumpriu as normas, apresentando por vezes comportamentos desviantes.
- 4- O aluno cumpriu as normas e não registou comportamentos desviantes.
- 5- O aluno cumpriu todas as normas, favorecendo um bom clima de aula.

A categoria de aproveitamento poderia ainda ser dividida em duas ou mais classes, correspondendo cada classe a uma das matérias leccionadas na aula, por exemplo voleibol e badminton. Desta forma, foi possível registar o desempenho dos alunos diariamente, possuindo assim um importante instrumento de avaliação em mãos. De salientar que este tipo de avaliação não foi efectuado diariamente, mas sim de um modo pontual, procurando registar todas as matérias leccionadas ao longo do ano, possibilitando a visualização perceptível da evolução dos alunos em cada uma (*ver anexo 2*).

Como referi anteriormente, a utilização de avaliações finais para cada matéria funcionaram para mim como um auxílio à minha avaliação dos alunos. Logicamente, esta possui um peso importante na apreciação do aluno, mas funcionou essencialmente como uma forma do professor poder conferir as reais competências do aluno em determinada matéria, que já haviam sido registadas e “cotadas” durante a avaliação formativa da mesma. Como o próprio nome indica, funcionavam como um derradeiro teste às suas aprendizagens adquiridas durante o período lectivo.

Estas avaliações finais seguiram um procedimento fixo no qual mostrei a preocupação em que fosse o mais consciente possível. Desta forma, os alunos foram devidamente avisados com cerca de uma aula de antecedência sobre as matérias em que iriam ser avaliados, tal como os gestos técnicos que iriam ser contabilizados para a avaliação. O professor teve também o cuidado em lembrar e elucidar os alunos acerca dos principais critérios de êxito dos vários gestos técnicos avaliados. No início das aulas de avaliação, o professor procurou alertar novamente os alunos sobre os critérios de êxito para que os mesmos pudessem obter sucesso. Existiram sempre alguns momentos nestas aulas onde os alunos puderam treinar os gestos técnicos antes mesmo de serem avaliados, e as tarefas criadas para proceder a essa avaliação foram sempre situações já utilizadas em aulas anteriores, de forma que os alunos já estivessem familiarizados com a dinâmica da tarefa.

Para cada matéria desportiva foi criada uma ficha de registo que contemplava os gestos técnicos e/ou acções a serem avaliadas. Depois de algum tempo para um ligeiro aquecimento/treino dos alunos onde o professor aproveitava para dar alguns *feedbacks* acerca da realização de alguns gestos, o professor comunicava sempre aos mesmos que iria dar início ao registo

avaliativo. Neste momento o professor permanecia atento e em silêncio, procurando ter todos os alunos sobre o seu contacto visual, observando as suas execuções técnicas e registando-as. No final de todas as aulas, foi sempre efectuado um curto balanço acerca da avaliação, focando a evolução demonstrada pelos alunos e as suas maiores dificuldades.

Para somar a esta avaliação “prática”, temos ainda a avaliação da condição física, realizada através da bateria de testes *fitnessgram*; a avaliação de conhecimentos, realizada através de uma ficha de avaliação escrita ou de questionamentos orais efectuados durante as aulas; e a avaliação das atitudes e valores do aluno, contabilizada através do registo do seu comportamento, empenho e pontualidade/assiduidade. Estas são as quatro categorias essenciais para proceder à avaliação dos alunos. De acordo com cada escola e departamento de Educação Física cada categoria tem uma ponderação, sendo a soma destas quatro ponderações o resultado do sucesso do aluno. Esta soma irá ordenar ainda os alunos nas diferentes classificações possíveis, de 1 a 5 no caso dos 2º e 3º ciclos, e de 1 a 20 no ensino secundário.

Tendo trabalhado em duas escolas distintas, as ponderações de cada categoria foram diferentes. Assim, na Escola E.B. 2,3 Conde de Vilalva o trabalho prático tinha uma cotação de 60% da nota final; a avaliação de conhecimentos teóricos apresentava-se como 10% da nota final; 20% desta nota cabiam à avaliação de atitudes e valores do aluno; e os restantes 10% da nota final eram correspondentes à avaliação de condição física. Na Escola Secundária André de Gouveia, o trabalho prático tinha uma importância de 60% da nota final; a avaliação de conhecimentos teóricos apresentava uma cotação de 10% da nota final; 10% desta nota cabiam à avaliação de atitudes e valores do aluno; e os restantes 20% da nota final eram correspondentes à avaliação de condição física.

Para uniformizar a referência de sucesso na EF dentro das escolas, foram utilizadas as referências que os *P.N.E.F.* nos trazem. Como já foi referido cada matéria está separada em diferentes níveis, enquadrando-se cada aluno em um destes níveis *Introdutório*, *Elementar* e *Avançado*. Em casos mais específicos o aluno poderá até não atingir o nível *Introdutório*, enquadrando-o assim num outro nível criado pelos próprios departamentos de EF denominado *Não Introdutório*. Tendo todas as matérias leccionadas devidamente avaliadas,

e inserindo todos os alunos nos seus respectivos níveis, cabe ao professor, no caso do **8º ano**, seleccionar as 7 matérias onde o aluno revelou melhores níveis de interpretação. Estas matérias seleccionadas advêm de 6 ou 5 categorias:

Categoria A – Futebol, Voleibol, Basquetebol, Andebol.

Categoria B – Ginástica de Solo, Gin. de Aparelhos, Gin. Acrobática.

Categoria C – Atletismo.

Categoria D – Patinagem.

Categoria E – Dança.

Categoria F – Raquetas.

Categoria G – Outras (Orientação, Luta, Natação, etc)

De todas estas categorias, terão de ser consideradas obrigatoriamente 2 matérias da Categoria A. No caso de se considerarem apenas 5 categorias, para além da Categoria A, devem escolher-se 2 matérias da categoria B (c.f. P.N.E.F. 3º CEB, 2001:32). Adaptando ligeiramente o que estes *P.N.E.F.* preconizam à realidade vivida nesta escola, o departamento de EF definiu que para que o aluno obtenha o sucesso na disciplina terá de evidenciar competências de 7 níveis introdutórios ou superiores. No caso do **12º ano**, as matérias seleccionadas para proceder à avaliação dos alunos teriam de ser: 2 jogos desportivos colectivos, 1 ginástica ou atletismo, 1 dança e 2 outras (raquetes, patinagem, etc) (c.f. P.N.E.F. 3º CEB, 2001:33). Na tentativa de adaptar ligeiramente o que os *P.N.E.F.* preconizam à realidade vivida nesta escola, o departamento de EF definiu que para que o aluno obtenha o sucesso na disciplina terá de evidenciar competências de 4 níveis introdutórios e 2 níveis elementares ou superiores.

C – Análise da prática de ensino

Ao surgir na escola com sensivelmente um mês de aulas decorrido, a minha integração nas turmas foi bastante gradual, não tendo assumido logo desde o primeiro dia a leccionação de aulas. Como seria de esperar, os alunos estranharam a minha presença aula após aula, até que de uma forma progressiva foram-me deixando fazer parte deste processo. Depois de algumas semanas de observação às aulas leccionadas pelos meus professores orientadores, professores titulares das respectivas turmas, comecei por dirigir alguns aquecimentos ou auxiliar num exercício que envolvesse estações ou grupos separados, sendo que estes foram sempre programados com o apoio dos respectivos professores orientadores, na tentativa de melhor se adequarem aos referentes níveis de ensino. Estes curtos contactos com os alunos permitiram que uma relação de empatia fosse criada entre nós, facilitando assim a minha intervenção durante o restante ano lectivo.

As observações iniciais que efectuei nas primeiras semana de trabalho foram indispensáveis, permitindo-me conhecer de uma forma mais concreta as turmas, identificando os principais círculos de amigos entre os jovens, os alunos mais problemáticos quer em termos de disciplina e/ou com mais dificuldades na disciplina, alunos com problemas de saúde, entre tantas outras características importantes.

Apenas em meados do mês de Novembro, comecei em ambas as escolas, a assumir a totalidade das aulas. O grau de autonomia que os professores orientadores me deixaram logo desta data foi notável, aceitando e opinando sobre as minhas sugestões, deixando-me completamente liberto para experimentar o que quer que fosse. Esta autonomia foi, sem dúvida, muito importante para mim, deixando-me espaço para explorar e crescer como profissional. Além da conversa pré-aula, onde debatemos o que estava previsto ser executado na mesma, a conversa pós-aula mostrou-se também deveras importante, uma vez que tive rapidamente acesso a uma opinião experiente sobre o meu desempenho, dizendo-me onde poderia investir mais no sentido de melhorar a minha *performance* enquanto professor. Foi este apoio que contribuiu em muito para a minha aprendizagem, conseguindo encontrar um

ponto de equilíbrio entre a cooperação dos professores orientadores e a autonomia que me foi atribuída.

Tratando-se a *PES* de um processo formativo para os seus alunos, é com naturalidade que admito que a minha prática de ensino foi evoluindo ao longo dos dias. A experiência que fui adquirindo, a confiança e motivação que fui ganhando, permitiram que as minhas aulas apresentassem sucessivamente uma qualidade superior, em praticamente todos os aspectos, quer em aspectos de *instrução*, de *gestão* quer de *disciplina*. Deste modo, a análise que posso fazer à minha prática de ensino terá de estar constantemente apegada a uma contínua evolução da minha *performance*.

Um dos grandes cuidados que tive durante a minha prática de ensino, e que mostrou uma influência positiva na mesma, foi o facto de trabalhar por curtos objectivos ao longo do ano, tal como o Modelo de Planeamento por Etapas (Rosado, s.d.) sugere. Olhando para a avaliação inicial de cada matéria, foram estabelecidos curtos objectivos para cada uma, e até diferentes objectivos para alunos distintos dentro da mesma matéria. Esses objectivos foram transmitidos aos alunos, que trabalhando de uma forma árdua e empenhada os iam conseguindo alcançar. Conquistado o principal objectivo de uma determinada matéria em toda a turma ou apenas em um aluno, rapidamente eram delineados novos alvos com vista à sua evolução (por exemplo na matéria específica de voleibol: trabalho específico de auto-passe concluído, direito à passagem para o passe com colega; ou na matéria específica de badminton: troca de batimentos com o colega concluído, direito à passagem para troca de batimentos com colega na rede).

Esta forma de abordar o processo de ensino e aprendizagem surtiu muito bons resultados, pois tendo noção precisa daquilo que os alunos necessitariam de evoluir para obter o sucesso na disciplina, focou-os muito mais nesses aspectos, motivando-os e fazendo com que o desejo de superação própria fosse constante, tornando assim notória a evolução de bastantes alunos nas várias matérias leccionadas.

Ao ter como base estes diversos objectivos por matéria desportiva, necessitei de encontrar tarefas e exercícios que estimulassem essas mesmas competências que quis ver desenvolvidas. Considerando que é importante haver variabilidade nos exercícios propostos, de forma a não desinteressar os

alunos e sobretudo a proporcionar novas situações de aplicação dessas competências, procurei diversificar ao máximo as tarefas solicitadas durante as minhas aulas. Esta preocupação revelou-se como um óptimo catalisador de motivação para os alunos, sobretudo para os mais novos (8º ano), produzindo altos níveis de empenho por parte dos mesmos, que por sua vez potenciaram também as suas aprendizagens, tal como previsto.

Esta variabilidade de acções com um grau de complexidade adequado às suas capacidades foi uma constante na minha prática de ensino, direccionando o ensino para os meus alunos, tendo em conta as suas principais características e aptidões.

A análise à minha prática de ensino, tendo em conta os aspectos de interacção e de comunicação com os jovens aprendizes poderá também ser interessante na medida em que permitirá perceber a relação positiva e entendimento dentro do espaço de aula, quer entre professor e alunos, quer mesmo entre os próprios.

Ao adoptar uma postura rigorosa e séria, contrabalançada com boa disposição e um grande entusiasmo pela disciplina, os alunos viram-se contagiados a reter estes valores, encarando a Educação Física com bastante gosto, empenho e consideração. Esta consideração atribui-se não só a disciplina em si mesma, mas também ao respeito pelo professor e respectivos colegas. Este foi um valor que se foi criando gradualmente nas nossas aulas, através de um relacionamento positivo entre intervenientes proporcionado pela boa disposição sentida no espaço de aula; uma exigência comedida e adequada às diversas situações propostas, procurando ser rigorosa o suficiente no que tocaram às aprendizagens que se pretendiam desenvolvidas ou a desenvolver; e uma disciplina coerente e aplicável a todos os alunos sem excepção, não “perseguido” apenas um determinado aluno.

A minha forma peculiar de me dirigir aos alunos terá igualmente contribuído para este clima vivido dentro da aula. O meu discurso simples e claro, em grande parte semelhante ao modo como comunicam entre si, facilitou de uma forma extrema a minha interacção com eles. Utilizando uma linguagem cuidada mas simultaneamente actual e próxima, ganhei a confiança que necessitava para que os alunos se disponibilizassem mentalmente para reter a mensagem que transmitia. Usando como trunfo esta característica individual,

necessitei apenas de articulá-la com a especificidade da disciplina. No quadro que se segue, é-nos apresentado uma síntese daquilo procurei reproduzir nas minhas aulas, com vista ao seu clima positivo.

Olhando agora para estes factores, consigo perceber que foram eles quem me permitiram proceder a um processo de ensino e aprendizagem sobre um clima saudável, na base do entusiasmo e respeito pela disciplina. A figura abaixo apresentada mostra-nos um resumo destes factores, os quais tive em conta ao longo da minha prática de ensino.

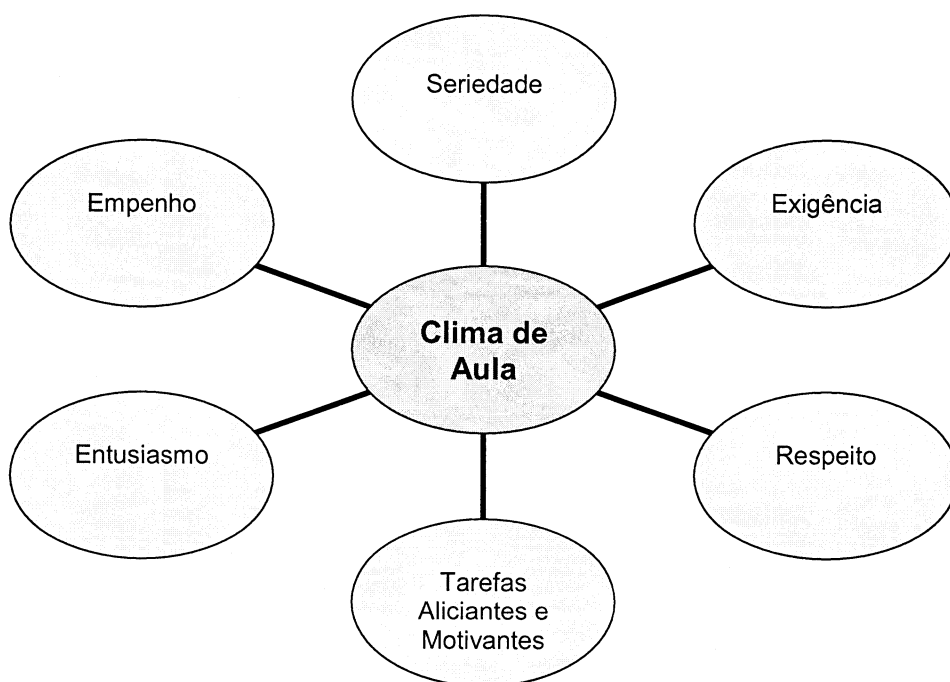


Figura 4: Principais características para a manutenção de um clima de aula positivo.

De acordo com o nosso regulamento da *PES* teríamos de fazer algumas observações à prática de ensino dos nossos colegas do mesmo núcleo de estágio. Estas observações de aulas funcionaram como um complemento importante para a minha própria prática de ensino, quer na condição de observador, quer na condição de observado.

Possuir um colega meu a observar a minha prática de ensino favoreceu-me em alguns aspectos relevantes. Não se tratando de uma opinião tão

experiente quanto a opinião do meu professor orientador cooperante, o parecer do meu colega tornou-se valioso pois apresentava como base parâmetros mais actuais e de certa forma idênticos aos meus, fazendo com que a ideia ou sugestão que ele me possa ter transmitido fosse normalmente de encontro à formação que obtivemos.

A observação que eu efectuei aos meus colegas trouxe frutos também à minha prática de ensino. Ao analisar detalhadamente as suas aulas apercebi-me facilmente de muitos comportamentos comuns entre eles e comigo próprio. Alguns comportamentos positivos, que advêm certamente da nossa formação, e outros não tanto. Esta observação seguida de uma profunda reflexão levou-me a criar soluções e estratégias para resolver essas mesmas lacunas no futuro. Mesmo não se tratando de uma lacuna minha, mas sim do meu colega, esta reflexão torna-se essencial, na medida que nos leva a entender o porquê da sua falha e previne-nos de a repetir. Ainda, o facto de cada indivíduo encarar as diversas modalidades de forma diferente, efectuando para o mesmo fim tarefas diversas, permite a quem observa a aula, aumentar o seu reportório de exercícios, criando assim uma bateria de exercícios mais ampla, logo mais motivante para os alunos.

D – Participação na Escola e Relação com a Comunidade

Esta área relativa à participação na escola e relação com a comunidade reporta-se ao desenvolvimento de competências relacionadas com a concepção e dinamização de actividades de complemento curricular e/ou iniciativas de abertura da escola à participação na e da comunidade (pais, instituições, agentes sociais, etc.).

Como seria de prever, a minha participação em ambas as escolas não se cingiu apenas à leccionação de aulas. Além das actividades desenvolvidas pelo nosso núcleo de estágio, recomendadas pela *PES*, contribuí em muitas outras acções dos respectivos grupos de educação física.

Assim, ao nível da participação na escola, as competências desenvolvidas permitiram-me organizar e conduzir projectos que visaram ampliar a formação dos alunos no domínio do projecto curricular estabelecido para a disciplina de Educação Física. Ao nível da relação com a comunidade as actividades desenvolvidas pelo meu núcleo de estágio conseguiram mobilizar a comunidade próxima, promovendo a participação e interacção de toda a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários) e restante população (pais de alunos, instituições desportivas).

Aquando a minha chegada às escolas, já o Plano Anual de Actividades e Projecto Educativo estavam traçados, não tendo assim a hipótese de participar activamente neste planeamento. Tendo a maior parte das actividades definidas, foi para nós extremamente difícil encontrar espaço para realizar as acções que propusemos. No entanto, com o apoio incondicional dos nossos Professores Orientadores, conseguimos efectivar as actividades que em muito contribuíram para o desenvolvimento dos alunos.

À parte destas actividades propostas e conduzidas pelo meu núcleo de estágio, a minha participação revelou-se bastante relevante, sobretudo na escola E.B. 2,3 Conde de Vilalva. Esta deu uma grande abertura para a minha participação nas actividades do grupo de Educação Física. Talvez pelo facto de possuir um curto grupo de professores da disciplina, a minha participação em algumas acções tornou-se indispensável dado o baixo número de professores disponíveis.

Maratona/Atletismo

A primeira actividade na qual participei activamente foi na *Maratona/Atletismo*, que apresentava uma ligação cómica ao Dia do Não Fumador. O objectivo da prova seria completar 30 minutos em passo de corrida, independentemente da distância percorrida ou velocidade. O essencial era correr 30 minutos sem parar. Estes 30 minutos de corrida, que simbolizam aqui uma capacidade cardio-respiratória superior, estariam igualmente associados a um “pulmão” de um indivíduo não fumador. Durante o horário lectivo desta prova toda a escola parou, tendo professores e alunos dispensa das aulas para que pudessem participar na actividade. Não existindo inscrições para participação, o controlo da prova consistia em possuir vários pontos de controlo, posicionados estrategicamente, possibilitando que cada posto conseguisse observar o posto de controlo anterior e o seguinte. Uma vez encontrado algum aluno a caminhar durante a prova, o mesmo era chamado ao posto de controlo mais próximo, dando os seus dados que seriam registados no posto.

Esta foi sem dúvida uma actividade bastante divertida, dinâmica e com um cariz formativo e importante para os alunos. Sendo uma actividade desportiva, que apelou sobretudo à resistência aeróbia de alunos e professores, teve ainda o condão de aliá-la a um tema actual e que muito afecta os jovens nos dias que correm. Com esta engraçada acção sensibilizou toda a comunidade escolar para que este dia fosse de todos, o dia dos não fumadores.

Compal Air 3x3

Tendo um gosto especial pela modalidade de basquetebol, foi com muito prazer que participei na actividade *Compal Air 3x3* (fase local) realizada na escola. Os escalões foram divididos pelos professores existentes no dia da actividade, tendo ficado com o escalão sub-12 feminino. A minha tarefa foi apenas de organização do grupo, definindo os árbitros para os encontros e estabelecendo a ordem e registo dos jogos efectuados, até se chegar à final do escalão. Possuindo este escalão poucas equipas quando comparado a

escalões superiores, e possuindo meio-campo de basquetebol para proceder aos meus jogos, foi com alguma rapidez que encontramos o vencedor local.

O *Compal Air 3x3* é uma acção que se encontra de momento bastante enraizada no seio escolar, pelo que apresentou uma adesão grande, servindo esta para fomentar nos alunos o gosto pela prática desportiva, particularmente pelo basquetebol, e procurar incutir nos alunos atitudes e valores de respeito e cooperação.

Pentatlo

O *Pentatlo* foi uma actividade marcante para os alunos da escola E.B. 2,3 Conde de Vilalva. Não tenho dúvidas em que esta foi a actividade que mais empenhou os participantes, gerando-se uma competição aguerrida que em muito favoreceu o “espectáculo”.

Os participantes foram escolhidos pelos seus professores, tendo em conta os seus desempenhos nas aulas nas modalidades de salto em altura, salto em comprimento, lançamento do peso e corrida de 1000m. Assim, foi feita uma selecção por turmas na tentativa de aumentar a qualidade da prova.

A minha função nesta actividade foi a de organizar e registar a prova de lançamento do peso. Possuindo as listas de cada escalão, ia procedendo à chamada dos participantes, que sucessivamente iam fazendo os seus arremessos do peso. As distâncias obtidas pelos alunos eram verificadas pelos meus colegas que me transmitiam a informação no final de cada lançamento. Juntando os registos das quatro modalidades foram consumadas as classificações finais, que foram recebidas com grande entusiasmo por todos os alunos, e especialmente pelos vencedores da prova.

O dia desta prova foi para mim um dia bastante positivo e de grande cooperação entre o grupo de Educação Física. Contando com todos os professores do grupo de Educação Física e todos os Professores Estagiários, a actividade decorreu de uma forma muito organizada, tal como tínhamos planeado e sobretudo sobre um clima de salutar, que foi visível durante toda a manhã de prova. Os alunos mostraram-se muito empenhados e divertidos, tornando esta actividade um verdadeiro sucesso.

A acção, O *Pentatlo*, apareceu na tentativa de combater o desdém que a maioria dos alunos nutrem pela modalidade do atletismo, mostrando que este

também pode ser um desporto aliciante e altamente competitivo, ao contrário das opiniões mais comuns entre eles.

Dia da Escola

O dia da escola, como o próprio nome indica, foi um dos dias mais importantes no seio escolar durante este ano lectivo. Não existiram aulas para os jovens, havendo apenas actividades festivas. Estas actividades foram muitas durante todo o dia, e por vezes existiram actividades simultâneas, pelo que a azafama foi grande.

O meu contributo neste dia cingiu-se à organização do material necessário no pavilhão, mudando colchões de queda de sítio ou mudando mini-tampolins de um ginásio para o outro. No final da tarde, apoiei ainda alguns professores, que arduamente transportavam mesas e cadeiras da cantina para o pátio com vista ao grande arraial que se realizaria durante a noite do mesmo dia.

Neste dia estava também prevista a actividade pelo meu núcleo de estágio organizada, *Jogos Tradicionais*, mas que dadas as condições climatéricas desfavoráveis não foi possível realizar neste dia.

Corrida Solidária

Trabalhando em conjunto com o outro núcleo de estágio da disciplina de Educação Física existente nesta escola, deliberámos organizar a prova *Corrida Solidária*. Esta iniciativa foi proposta a várias escolas do país, pelos Médicos do Mundo, com o objectivo de angariar fundos para solidariedade. Tratando-se de uma acção com um cariz muito solidário e humano, decidimos desde logo que iríamos apoiar esta causa realizando a prova na nossa escola.

Esta acção surge como uma das actividades recomendadas pela PES, sendo planeada e organizada somente por ambos os núcleos de estágio que contaram com o importante apoio dos respectivos professores orientadores cooperantes, professora Paula Escada e professor Sérgio Magalhães. Esta prova assentou perfeitamente nos principais pressupostos previstos pela PES, para a realização de actividades na escola, estando directamente ligada à

especificidade da disciplina, uma actividade desportiva; e envolvendo uma grande parte da comunidade próxima, alunos, pais e familiares dos mesmos, professores, funcionários e qualquer pessoa que estivesse interessada em contribuir para esta causa.

A Corrida Solidária consistiu então numa corrida sem fins competitivos, sendo apenas o objectivo da prova terminar o percurso definido para o seu escalão. Cada participante teria obrigatoriamente de ter um *padrinho* que patrocinava a sua participação na prova, com uma contribuição monetária para os Médicos do Mundo. Deste modo, a corrida dos participantes simbolizava a sua contribuição solidária para a instituição.

Querendo fazer desta prova uma acção marcante para a população, esta foi marcada para o último dia de aulas do 2º Período, estando todos os alunos inibidos das suas aulas. Todas as escolas do Agrupamento nº4 de Évora foram convidadas, na tentativa de reunir também o maior número de participantes possível. Assim, as escolas participantes neste grande evento foram:

Escola Básica da Azaruja.

Escola Básica de São Miguel de Machede.

Escola Básica de Nossa Senhora de Machede.

Escola Básica dos Canaviais.

Escola Básica do Bacelo.

Jardim-de-infância do Bacelo.

Jardim-de-infância dos Canaviais.

Escola E.B.2.3. Conde de Vilalva.

Como podemos constatar em cima, muitos dos nossos participantes na actividade provieram de jardins-de-infância e escolas básica de 1º ciclo. Este aspecto acarretou a necessidade de serem criados dois percursos distintos, o percurso I com cerca de 2,5Km para os alunos provenientes de jardins-de-infância e escolas básica de 1º ciclo; e o percurso II com cerca de 6Km de prova, para os alunos mais velhos, vindos da nossa Escola E.B. 2,3 Conde de Vilalva.

O local de chegada foi comum em ambos os percursos, tendo terminando a prova num jardim propício a um momento de convívio bastante

agradável entre participantes e alguns *padrinhos* presentes. No local existiu um pequeno palco e uma aparelhagem de alto calibre, por nós reservados, que serviu para entreter os presentes através da música e brindes oferecidos pelos Médicos do Mundo. Chegados todos os participantes ao ponto de chegada, a nosso convite, a professora Ana Batalha dirigiu uma curta sessão de *fitness*, que visou sobretudo a participação de toda a população presente no jardim, num ambiente festivo e descontraído.

No final do evento foram contabilizados cerca de 700 praticantes, oriundos das diversas escolas deste agrupamento, somando assim uma quantia monetária bastante satisfatória para apoiar esta causa e a instituição Médicos do Mundo. Como constatamos com estes números, a adesão por parte de toda a comunidade foi enorme, conseguindo este mote sensibilizar toda a população que se mostrou interessada em dar o seu contributo.

A actividade *Corrida Solidária* revelou-se um evento importante para toda a comunidade, não só escolar. O facto de associar uma actividade física desportiva, a corrida, a aspectos solidários e humanos, a angariação de fundos para uma instituição de caridade, tornou este acto de uma dimensão enormíssima. A prova conseguiu de certo, sensibilizar e demonstrar às crianças e toda a comunidade educativa a importância da sua participação e capacidade para mudar situações de injustiça mundial.

Jogos Tradicionais

O dia de realização desta prova foi desde o início algo incerto. Possuindo um Plano Anual de Actividades algo extenso, foi para o meu núcleo de estágio muito difícil encontrar um dia para a realização da mesma. De facto, foi graças ao apoio da nossa professora orientadora cooperante, Paula Escada, que muito lentamente foi deslindado um dia para a sua concretização. Este dia seria 8 de Junho, o dia da escola.

Ligeiramente diferente do que aconteceu na *Corrida Solidária*, esta prova foi planeada e organizada somente pelo nosso núcleo de estágio, partindo também por nós a iniciativa de criar estes jogos na escola, percebendo o fraco contacto dos alunos nesta matéria integrante dos *P.N.E.F.*

Tendo os jogos um carácter tradicional, teria todo o sentido que estes se realizassem ao ar livre, mais precisamente no campo de jogos da escola. Devido à pequena chuva que se fez sentir neste dia, e à ocupação dos ginásios com outras actividades, estes jogos tiveram mesmo de ser suspensos, passando a sua realização para a última semana de aulas. O que ficou acordado nesse dia foi que os *Jogos Tradicionais* se desenrolariam dia 15 de Junho no período horário das 10h10 às 11h35, e que os participantes da actividade seriam os que tinham a disciplina de Educação Física nesse mesmo horário.

Estando inicialmente inseridos nas comemorações do dia da escola, sob o tema de *Festas Populares*, estes jogos apresentavam-se bastante pertinentes, acreditando que estes se adequassem ao tema, uma vez que apresentam uma ligação ao mesmo bastante forte, sendo recorrente a introdução de *Jogos Tradicionais* em celebrações de carácter popular.

Alterando o dia de concretização da prova e reduzindo o número de participantes a quatro turmas, o impacto que a actividade teve no seio escolar não foi tão bom quanto estávamos à espera, tendo envolvido apenas cerca de 70 participantes e respectivos professores. Contudo, o entusiasmo e alegria com que estes alunos viveram estes jogos valeram pelo nosso esforço e dedicação na organização desta actividade.

Os jogos escolhidos para esta acção foram jogos simples, de fácil compreensão e execução, sendo eles: o Jogo da Malha; a Corrida de Sacos; Corrida de Andas; Saltar á Corda; Jogo das Latas e o Jogo de Equilíbrio. Com estes jogos aspirámos oferecer aos participantes variabilidade de oferta, sendo que os mesmos puderam desenvolver competências de equilíbrio, orientação espaço temporal, coordenação óculo manual e coordenação óculo pedal, num clima de recreação e com o sempre apetecível, carácter competitivo.

A realização desta actividade revelou-se bastante positiva para os alunos participantes, dando-lhes a conhecer alguns jogos populares portugueses, que para alguns ainda eram desconhecidos, e proporcionando-lhes o contacto com os mesmos. Além disso, a prática saudável deste tipo de actividades foi valorizada e recebida pelos jovens de uma forma que em muito nos surpreendeu.

Na Escola Secundária André de Gouveia a minha participação foi menos evidente, no entanto bastante positiva. Dado o enorme grupo de professores da disciplina nesta escola, e o seu grande envolvimento com o curso tecnológico de desporto, muitas das iniciativas geradas tinham como objectivo responsabilizar esses mesmos alunos, alheando assim os professores destas tarefas.

Olimpíadas Desportivas

Uma das minhas participações ocorreu numa acção como esta, onde os alunos do curso tecnológico de desporto organizaram, na semana das *Olimpíadas Desportivas*, um jogo de basquetebol entre professores e alunos. Sendo o grupo de Educação Física conhecedor do meu gosto pelo basquetebol, rapidamente fui convocado para fazer parte da equipa de professores.

A manhã do basquetebol visava fomentar o gosto pela modalidade e encontrar assim a equipa vencedora do torneio, contando com participações de equipas de outras escolas da cidade. Toda esta dinâmica do torneio foi organizado pelos alunos, necessitando de intervir apenas no início do nosso jogo. Este funcionou quase como um jogo de super estrelas, sendo escolhidos os melhores jogadores das várias equipas no sentido de criar só uma equipa invencível de alunos. A equipa de professores contou somente com professores corajosos e sedentos de alguma actividade física. Não seria de estranhar portanto que acabámos mesmo por perder a partida.

Este divertido jogo acabou por se mostrar como um óptimo meio para melhorar a minha relação com alguns professores da escola, a maioria deles de disciplinas completamente distintas da Educação Física, e proporcionar um espectáculo divertido para os muitos espectadores presentes nas bancadas do ginásio, que certamente passaram a olhar de uma forma diferente para a modalidade de basquetebol e para os seus professores.

Orienta-te

A actividade de orientação intitulada *Orienta-te* foi da autoria de outro núcleo de estágio de Educação Física desta mesma escola. Esta consistiu num percurso de orientação de complexidade mediana, num espaço exterior envolvente à mesma.

O meu contributo a esta prova limitou-se apenas ao dia da prova, onde fiquei com a responsabilidade de assegurar o funcionamento da estação do Jogo da Malha durante toda a competição. Em determinados pontos de orientação existiam alguns destes jogos que dariam pontos extra às equipas que os conseguissem superar. Neste sentido, a minha tarefa foi a de monitorizar este ponto registando a pontuação e tempo de prova de cada equipa participante.

Esta actividade de exploração da natureza mostrou-se interessante para os alunos, permitindo-lhes um contacto muito próximo com a mesma, contactar com a modalidade orientação, que por norma não é muito explorada nas aulas da disciplina dada a sua especificidade, e praticar ainda alguns jogos tradicionais como o Jogo da Malha e a Corrida de Andas.

Évora, Património Desportivo

A conferência *Évora, Património Desportivo* foi sem dúvida o ponto mais alto da minha participação nesta escola, e aquela que proporcionou uma relação com toda a comunidade escolar e próxima mais evidente. Tratando-se de uma iniciativa do meu núcleo de estágio, foi com enorme prazer que dirigimos o seu planeamento e organização, tratando de todos os aspectos necessários à realização da mesma. O nosso professor orientador cooperante, Emanuel Silveira, funcionou para nós como um verdadeiro braço direito apoiando-nos em tudo quanto pôde.

Não se tratando de uma actividade desportiva, a conferência teve uma temática virada para o desporto, relacionando-a assim com a nossa disciplina. O objectivo deste dia de trabalho passou por alertar a população sobre os benefícios que a prática da actividade física regular trazem para a saúde da mesma, e simultaneamente, criar um espaço onde o desporto da cidade de Évora pudesse ser discutido.

Tendo como principais objectivos os acima referidos, a conferência foi estruturada em fases distintas, existindo um período inicial do evento dedicado à explicação dos benefícios que a prática de actividade física tem na saúde da população, e à força da nossa disciplina no meio escolar; e numa fase mais avançada, um espaço para a apresentação das instituições desportivas, mostrando à comunidade escolar o que de melhor se faz ao nível do desporto, na cidade de Évora.

Depois de inúmeros contactos no sentido de encontrar os oradores indicados, a conferência começou a ganhar alguma forma, tendo conseguido contar com personalidades ímpares ligadas ao desporto da cidade, tais como o Prof. Doutor Armando Raimundo, da Universidade de Évora; e o Dr. José Conde, representante da Divisão de Desporto da Câmara Municipal de Évora; e ainda os representantes de algumas das mais prestigiadas instituições desportivas da cidade:

AMINATA, Évora Clube de Natação

Clube Rugby de Évora

Juventude Sport Clube

Lusitano Ginásio Clube

Clube Badminton de Évora

Ritmus Health Club

Salesianos Évora Basquetebol

Évora Andebol Clube

APCE – Associação de Paralisia Cerebral de Évora

A conferência *Évora, Património Desportivo* foi sem dúvida alguma uma actividade com um impacto enormíssimo na escola e em toda a cidade, chamando à plateia do nosso auditório não só alunos, professores e funcionários, mas também muitos curiosos que quiseram marcar presença neste dia tão importante para o desporto de Évora.

Esta acção possuiu um cariz bastante formativo para os presentes, conseguindo sensibilizar e consciencializar os jovens alunos da importância da adopção de um estilo de vida activo e da prática de actividade física no quotidiano. As apresentações das várias instituições desportivas foram muito entusiasmantes e cativantes, mostrando as diversas modalidades que cada uma desenvolve no seu seio desportivo, conseguindo decerto seduzir novos praticantes para o clube.

E – Desenvolvimento Profissional

“Para ser professor não basta apenas possuir um conjunto de conhecimentos que permitam exercer a actividade profissional. É necessário assumir um ponto de vista de professor, interiorizar o respectivo papel e sentir-se bem nele. É preciso sentir-se como um membro da classe docente e ser capaz de usar os recursos próprios da profissão” (c.f. Guião do Relatório da PES/UÉ 2009-2010).

Este ano lectivo mostrou-se bastante enriquecedor neste sentido. Gradualmente fui passando de um mero conhecedor dos conhecimentos exigidos na disciplina, para um professor capaz de ensinar os meus alunos. Este desenvolvimento deveu-se a um árduo trabalho na *PES* que muito me fez crescer como profissional.

Olhando para mim como um aprendiz em formação, tive a necessidade de melhorar constantemente a minha prática, reflectindo e pesquisando na tentativa de a melhorar e inovar, encontrando soluções criativas e adequadas aos desafios que me foram sendo colocados. Esta atitude adoptada permitiu que não estagnasse enquanto profissional, proporcionando uma evolução significativa na minha *performance* ao longo do ano lectivo.

A minha atitude reflexiva mostrou-se como um dos pontos fulcrais ao meu desenvolvimento. Sempre que qualquer aula chegava ao seu fim, não existiu uma única ocasião em que não tivesse algo a apontar. De uma forma praticamente involuntária via-me constantemente a procurar encontrar soluções para melhorar “este” ou “aquele” aspecto que podiam ter corrido menos bem naquele dia, como a exemplificação de um gesto técnico que não tinha chegado a todos os alunos, ou uma instrução algo demorada fazendo perder minutos importantes para os alunos, como exemplo. Estas reflexões mentais feitas logo após a aula foram todas consumadas de uma forma escrita, que juntamente com as sugestões/avaliações que me foram feitas durante as mesmas, me possibilitou perceber os aspectos onde teria de investir mais na minha intervenção. Com esta reflexão diária adveio a minha necessidade em

pesquisar acerca do assunto, consultando várias referências bibliográficas que me pudessem ajudar nas matérias pretendidas.

Funcionando com estas reflexões diárias, que me permitiam ver aula após aula um pouco da minha evolução enquanto professor, existiram outras reflexões igualmente importantes. Os balanços finais de cada etapa desenvolvida, e o balanço das avaliações serviram para que pudesse efectuar uma reflexão não virada para a aula em si, mas para constatar se as minhas aulas estavam efectivamente a contribuir para a aprendizagem e evolução dos meus alunos. Desta forma, o carácter reflectivo inerente à *PES* contribuiu de uma forma muito grande e positiva para a criação deste hábito, que aponta para esta análise detalhada das nossas actividades lectivas.

Com vista à actualização e desenvolvimento do meu conhecimento profissional, foi realizado um trabalho muito interessante pelo meu núcleo de estágio, apresentado na conferência *Évora, Património Desportivo*, visando compreender a importância que os alunos de 12º ano atribuem à nossa disciplina; e perceber as suas intenções de prática de actividade física após o término desta escolaridade. O estudo foi apoiado pela nossa Orientadora da Universidade, a Professora Doutora Clarinda Pomar, que nos ajudou na adaptação de um questionário de Gonçalves (1998). Este questionário foi aplicado a todas as turmas de 12º ano de escolaridade da Escola Secundária André de Gouveia, à excepção das turmas do curso tecnológico de desporto. Para aplicar o questionário, recorremos aos professores de Educação Física da escola, aplicando eles próprios os questionários às suas turmas, e nós às nossas turmas. No total a nossa amostra englobou 71 alunos, sendo que 52 eram do sexo feminino e 19 do sexo masculino, tendo a mesma uma média de idades de 17, 65 anos. Tivemos também a preocupação de caracterizar a amostra, percebendo se a mesma praticava actividade federada fora da escola, ou se fazia parte do desporto escolar da mesma. Para completar a caracterização da nossa amostra aferimos sobre as notas de educação física que os indivíduos que compuseram a amostra obtiveram no 2º período, dividindo esta em três categorias diferentes: alunos com notas compreendidas de 10 a 12 valores; alunos com notas compreendidas de 13 a 15 valores e alunos com notas compreendidas de 16 a 18 valores. O tratamento dos dados foi efectuado através da utilização do software SPSS.

Com os resultados em mãos foi-nos possível analisa-los retirando o máximo de informação possível. As conclusões mais expressivas deste estudo foram:

- O papel da Educação Física como promotora de gosto pela prática regular de actividade física não está a ser cumprido de forma satisfatória, uma vez que 50,7% tenciona não praticar ou praticar de forma esporádica actividade física após o 12º ano, apesar de gostar da disciplina.

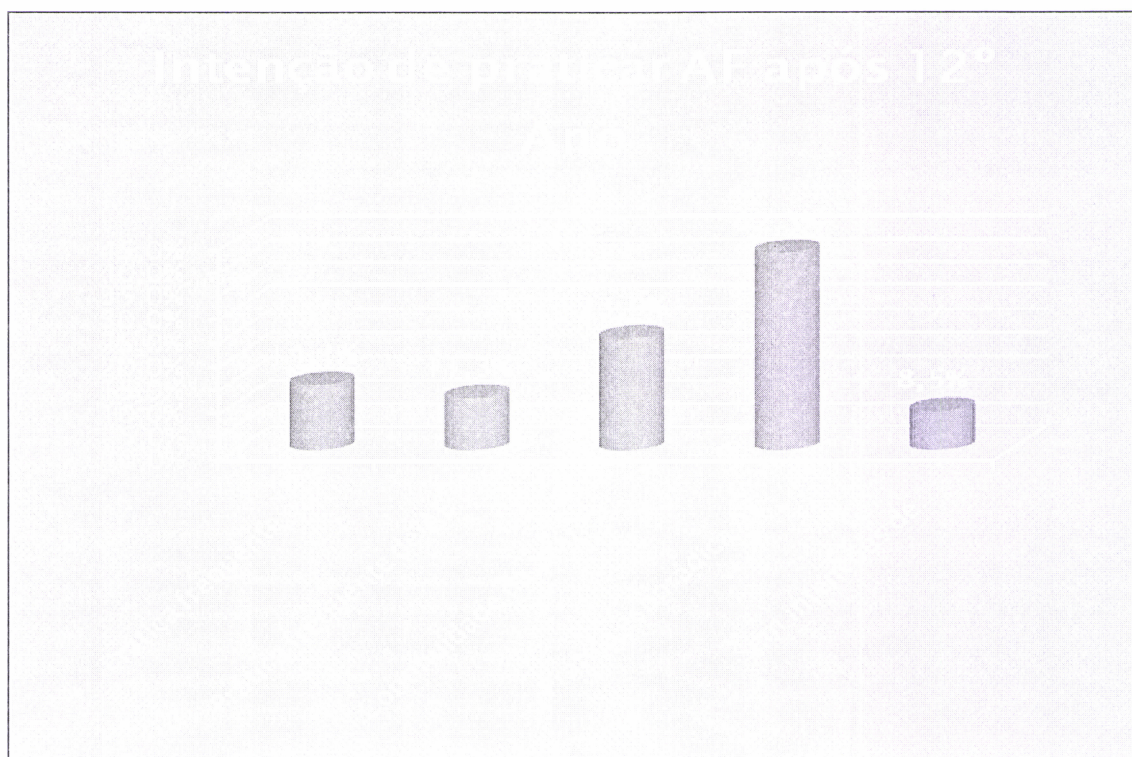


Figura 5: Intenções de praticar actividade física após 12º ano.

- Alunos que praticam actividade física fora da escola têm melhores notas que os alunos não praticantes e atribuem maior importância à disciplina para a sua formação global.

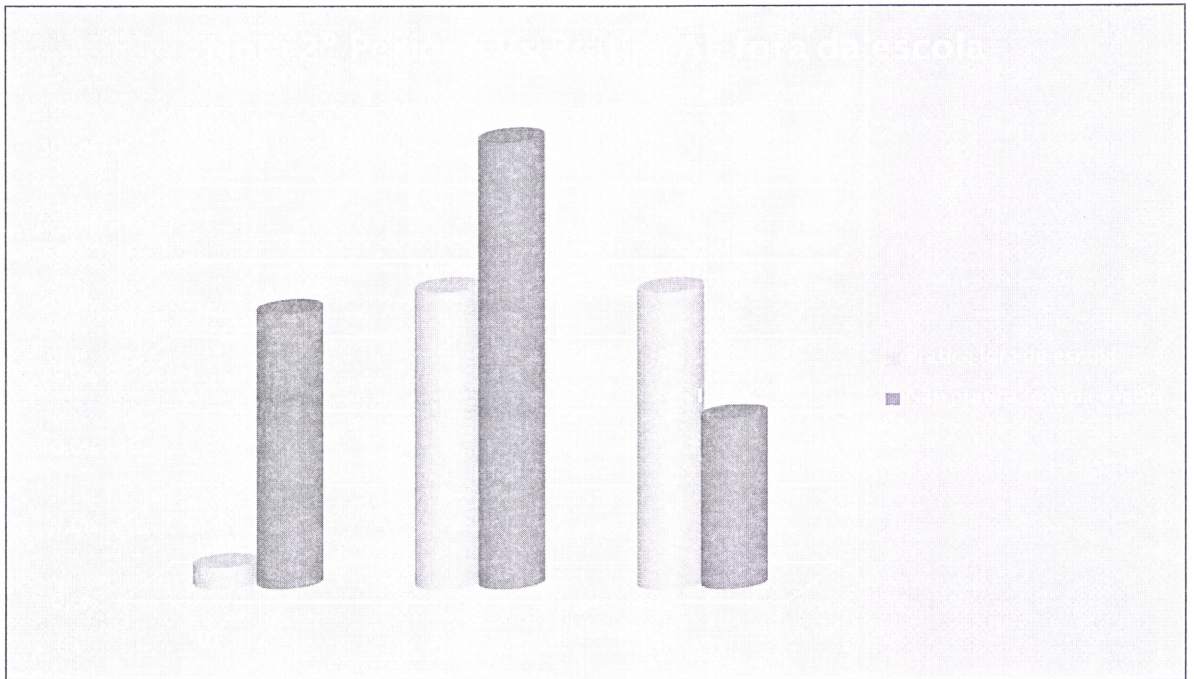


Figura 6: Nota final 2º período vs Praticar regularmente actividade física fora da escola.

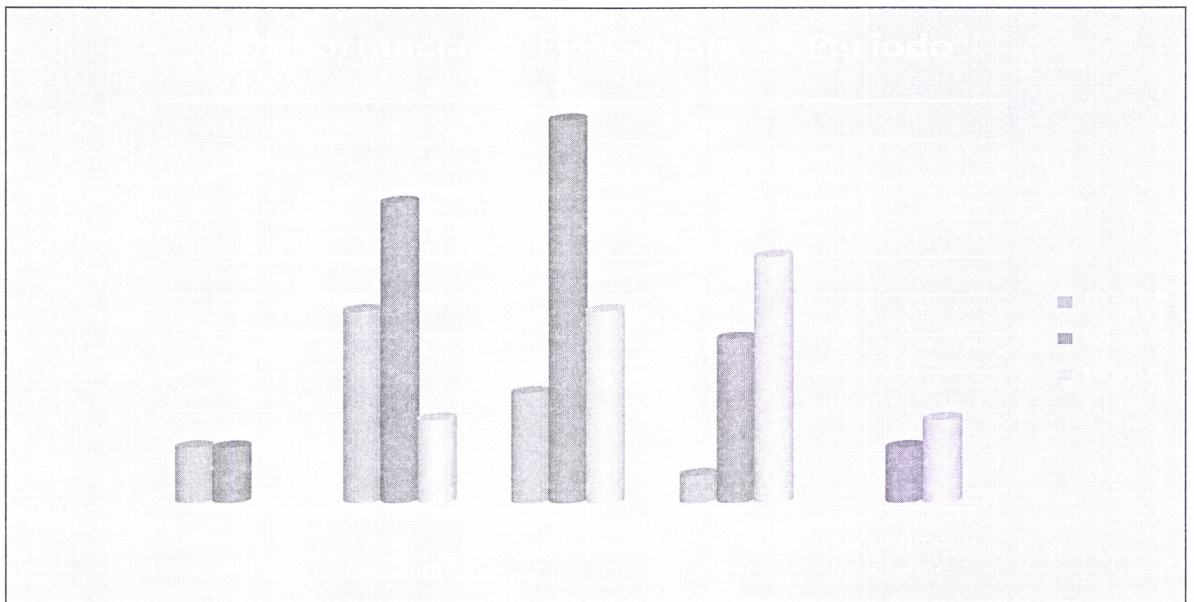


Figura 7: Importância da EF na sua formação global vs Nota final 2º período.

- Os alunos do 12º ano concordam que as aulas da disciplina de EF devem servir para beneficiar a sua saúde em primeiro lugar. Os alunos concordam também que as aulas devem servir também para os mesmos se divertirem, recrearem e distraírem.

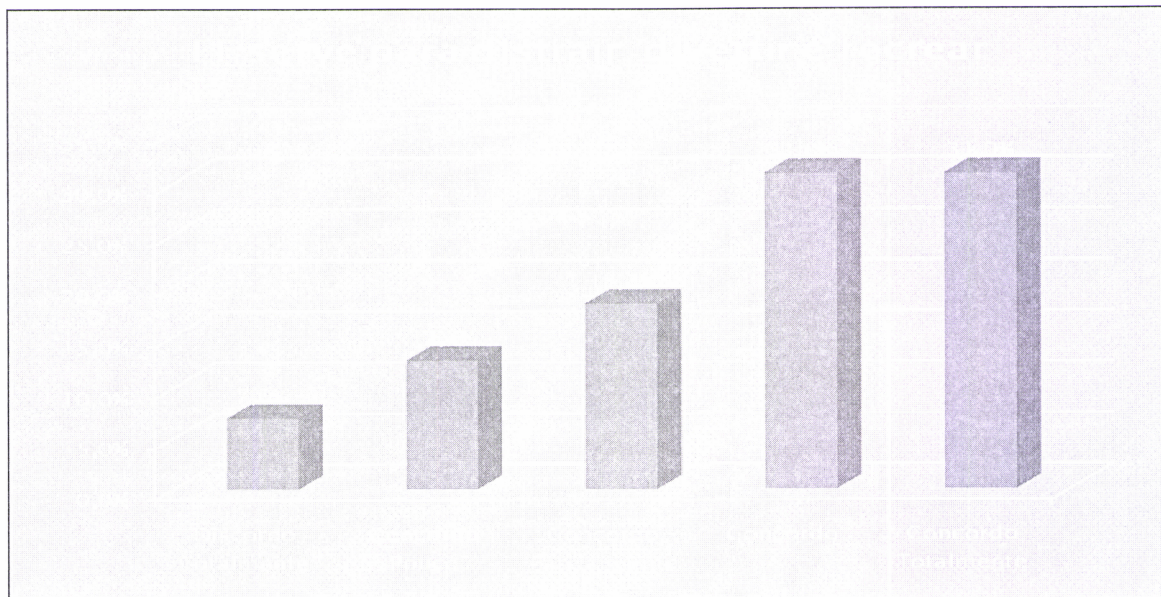


Figura 8: Educação Física serve para distrair, divertir e recrear.

Estas conclusões foram de encontro às nossas expectativas, conseguindo assim perceber que o papel da disciplina de Educação Física não está a ser suficientemente efectivo, pois parece não estar a conseguir cativar nem estimular os seus alunos para a adopção de um estilo de vida activo e para a prática de actividade física regular. Estas conclusões tornam-se importantes para qualquer professor da disciplina, apelando assim a uma mudança de atitude perante as suas aulas de Educação Física. Assim, é necessário que a EF consiga ir ao encontro das expectativas e necessidades dos jovens e cumprir uma das suas mais importantes funções: Educar para a Saúde. Para tal, os professores de EF deverão questionar-se sobre se as práticas que estão a desenvolver são:

- 1) Suficientemente motivadoras, para que os jovens sintam prazer com a actividade física, funcionando esta como uma estratégia pedagógica fundamental para a promoção de estilos de vida activos.

2) Devidamente esclarecedoras dos benefícios corporais, psicológicos e sociais da AF e suas repercussões na qualidade de vida.

Desta forma, foi-nos possível com este estudo obter um “retrato” geral do que pensam os alunos que frequentam o 12º ano sobre a disciplina de educação física, e apresentar também possíveis soluções para colmatar falhas que ainda se verificam nas aulas de educação física ao nível da fomentação do gosto pela prática de actividade física.

Tratando-se de um ano lectivo repleto de mudanças para mim, passando drasticamente do papel de aluno para o de professor, acredito ter assumido este cargo com grande profissionalismo. Fui, ao longo de todo o ano, uma pessoa com grande sentido de responsabilidade assumindo todas as minhas funções enquanto profissional; fui um indivíduo empenhado em evoluir e em proporcionar melhores aulas e melhores situações de aprendizagem aos meus alunos; e um sujeito activo, participativo e autónomo, fazendo parte dos respectivos grupos de Educação Física com uma atitude participativa, expondo sempre as minhas ideias e opiniões, respeitando as contrárias.

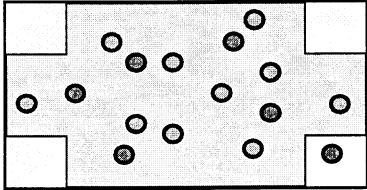
Bibliografia

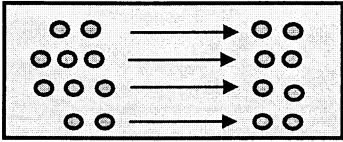
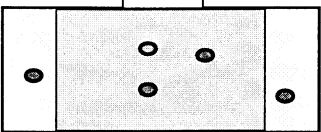
- Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (1998). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico 1º Ciclo (2ª ed.)*. Editorial do ME.
- Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (1998). *Programa de Educação Física do 2º ciclo do ensino básico: Plano de organização do ensino-aprendizagem*. Vol.II. Editorial do ME.
- Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (2001). *Programa de Educação Física do 3º ciclo do ensino básico (Reajustamento)*. Editorial do ME.
- Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (2003). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências essenciais*, (pp.219-229). Editorial do ME.
- Direcção de Serviços de Formação da DGEBS (1993). *A Educação Física no 1º Ciclo do Ensino Básico*. DGEBS/ME.
- Gonçalves, C. (1998). Relações entre características e crenças dos alunos e os comportamentos nas aulas de educação física. Tese de Doutoramento (não publicada). Faculdade de Motricidade Humana-Universidade Técnica de Lisboa.
- Cruz, S., Carvalho, L., Rodrigues, I., Mira, J., Fernandes, L. (1992). *Manual de Educação Física. 1º Ciclo do Ensino Básico*. Oeiras: Ed. Câmara Municipal de Oeiras.
- Bento, O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Local: Livros Horizonte.
- Rosado, A., (1999) Léxico Comentado de Planificação e Avaliação. Extraído de <http://home.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/lexico2.htm> em 2010.
- Rosado, A., (s.d.) Planeamento da Educação Física: Modelos de Leccionação. Extraído de http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/frame.htm em 2010.
- Siedentop (1998). Dimensões de Intervenção Pedagógica. Extraído em <https://woc.uc.pt/fcdef/getFile.do?tipo=2&id=2134> em 2010.

Anexos

Anexo 1, Plano de Aula

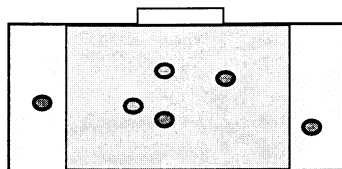
Unidade/Função Didáctica:		Futebol. Assimilação e Aplicação.		Aula da UD:	6/7	Aula n.º:	
Ano:	8º	Turma:	C	Data:	24/05/2010	Duração:	
				90'	N.º	18	
Material:				8 bolas de futebol, 10 coletes e 20 pinos.		Espaço:	G1
Professor: Francisco Bulhões							
Objectivos Específicos: Assimilação e Aplicação dos gestos técnicos passe, recepção, condução de bola e desmarcações.							

Hora	Tempo	Sequência das Tarefas	Descrição / Organização	Estratégias
8:25	2'	<u>I/O</u>	O professor reúne a turma e explica os conteúdos e objectivos da aula. Expõe também o exercício de aquecimento.	Alunos dispostos em meia-lua.
8:27	10'	<u>Aquecimento</u>	<p>Neste exercício será feito um aquecimento específico de futebol, trabalhando essencialmente a condução de bola. O jogo consiste em roubar as bolas aos portadores da mesma. Existirão cerca de 7 bolas em jogo, onde os seus portadores terão de procurar proteger a sua bola enquanto que os colegas tentarão recuperar a sua posse. Existirão igualmente 4 casas de defesa, onde não será permitido roubar a bola aos portadores de bola. A permanência máxima nestas casas será apenas 10 segundos.</p> <div style="text-align: center;">  </div>	Os alunos poderão ocupar todo o espaço físico da aula, limitado pelo campo de <i>futsal</i> .
8:37	3'	<u>I/O</u>	O professor reúne os alunos fornece-lhes a instrução para o próximo exercício e questiona-os acerca das principais componentes críticas da condução de bola	Alunos dispostos em meia-lua. Questionamento aos alunos.

8:40	7'	<u>1º Exercício</u>	<p>Nesta tarefa será feito um exercício de condução de bola. Existem 4 colunas frente a frente, sendo que o portador da de bola faz a sua condução até ao colega da coluna na sua frente. O aluno que fez o passe vai para o final da coluna para onde passou e assim sucessivamente.</p> <p><u>Componentes Críticas:</u> Condução de bola com a parte externa do pé, não olhando para a bola.</p> 	<p>Cada coluna realiza a situação de forma independente.</p>
8:47	4'	<u>I/O</u>	<p>O professor reúne os alunos, divide a turma em 2 grupos e explica os diferentes exercícios para cada grupo.</p> <p>Grupo 1 – Gonçalo, J. Serra, Marta, Manuel, J. Vidigal e Rúben. (Se faltar algum aluno destes 6, quem entra para este grupo será a Carina)</p> <p>Grupo 2 – A. Margarida, A. Sim Sim, A. Garrido, Beatriz, Carina, Carolina, Inês, Neuza, Rafaela, Ricardo, Rita e Sónia.</p> <p>Grupo 1 – 1ª Variante. Será criada uma situação de 2x1, onde os atacantes apenas poderão atacar a baliza após passar a bola para ambas as colunas laterais. Os alunos nas colunas laterais apenas se podem deslocar nas mesmas. Quando a jogada terminar com remate à baliza ou com o roubo de bola pela defesa, os alunos trocam de posições. Os atacantes passam a ocupar as colunas laterais, e os que estavam nas mesmas colunas passam a atacar. O defensor vai trocando entre os colegas.</p>	<p>Alunos dispostos em meia-lua.</p> <p>Os grupos são criados tendo em conta a aptidão dos alunos na modalidade.</p>
8:51	25'	<u>2º Exercício</u>	<p>GRUPO 1 1ª variante: 15' 2ª variante: 10'</p> <p>GRUPO 2 1ª variante: 10' 2ª variante: 15'</p> <p><u>Componentes Críticas:</u> Passe e recepção com a parte interna do pé, não olhando para a bola; Mudança de direcção seguida de mudança de velocidade, Ocupação do espaço vazio.</p> 	<p>O professor irá se posicionar de forma a controlar visualmente ambos os grupos, pronto para corrigir as execuções incorrectas.</p>

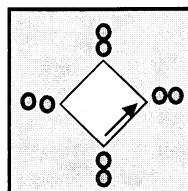
Grupo 1 – 2ª Variante. Será criada uma situação de 2x2, onde os atacantes apenas poderão atacar a baliza após passar a bola para ambas as colunas laterais. Os alunos nas colunas laterais apenas se podem deslocar nas mesmas. Quando a jogada terminar com remate à baliza ou com o roubo de bola pela defesa, os alunos trocam de posições. Os atacantes passam a ocupar as colunas laterais, e os que estavam nas mesmas colunas passam a atacar. O defensor vai trocando entre os colegas.

Componentes Críticas: Passe e recepção com a parte interna do pé, não olhando para a bola; Mudança de direcção seguida de mudança de velocidade, Ocupação do espaço vazio.



Grupo 2 – 1ª Variante. Nesta tarefa será criado um exercício de passe e desmarcação. Será formado um quadrado com 4 colunas de alunos. Os alunos farão o passe inicialmente para a coluna à sua direita, desmarcando-se para trás da mesma, alterando depois o sentido para a esquerda.

Componentes Críticas: Passe e recepção com a parte interna do pé, não olhando para a bola; Mudança de direcção seguida de mudança de velocidade, Ocupação do espaço vazio.



O professor irá se posicionar de forma a controlar visualmente ambos os grupos, pronto para corrigir as execuções incorrectas.

			<p>Grupo 2 – 2ª Variante. Nesta tarefa será criada uma situação de 2x1. O objectivo dos atacantes será marcar golo, enquanto que o defensor tentará impedi-lo. O jogador que efectuar o remate à baliza ou perder a posse de bola passa a defensor na próxima jogada.</p> <p><u>Componentes Críticas:</u> Passe e recepção com a parte interna do pé, não olhando para a bola; Mudança de direcção seguida de mudança de velocidade, Ocupação do espaço vazio.</p>	
9:16	4'	<u>I/O</u>	<p>O professor reúne os alunos e divide a turma em 2 grupos e explica os diferentes exercícios para cada grupo.</p> <p>Grupo 1 – Gonçalo, J. Serra, Marta, Manuel, J. Vidigal e Rúben, Carina, Rafaela.</p> <p>Grupo 2 – A. Margarida, A. Sim Sim, A. Garrido, Beatriz, Carolina, Inês, Neuza, Ricardo, Rita e Sónia.</p>	<p>Alunos dispostos em meia-lua.</p>
9:20	15'	<u>3º Exercício</u>	<p>Serão realizados dois jogos reduzidos de futebol. O intuito será aplicar os gestos trabalhos na aula em situação de jogo.</p> <p><u>Componentes Críticas:</u> Condução de bola com a parte externa do pé, não olhando para a bola; Passe e recepção com a parte interna do pé, não olhando para a bola; Mudança de direcção seguida de mudança de velocidade, Ocupação do espaço vazio.</p>	<p>Os grupos são criados tendo em conta a aptidão dos alunos na modalidade. O grupo 1 é dos alunos mais desenvolvidos.</p> <p>O professor irá se posicionar de forma a controlar visualmente ambos os grupos, pronto para corrigir as execuções incorrectas.</p>
9:35	2'	<u>Balanco da Aula</u>		
9:37		<u>FIM</u>	<p>Será feito um pequeno balanço da aula, destacando alguns dos pontos positivos da aula.</p>	<p>Alunos dispostos em meia-lua.</p>

Anexo 2, Ficha Registo de Avaliação Formativa

Escola:

Ano/Turma:

Data:

Matéria Abordada:

Conteúdos Trabalhados:

Nº	Nome	Empenho	Pont/Assid.	Aproveitamento	Comportamento
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					
19					
20					

Observações: